

ABECEDARIO  
**REAL,**  
E REGIA INSTRUCCAM  
de Principes Lusitanos,  
*Composto de 63. discursos Politicos, & Moraes*  
OFFERECIDO  
AO SERENISSIMO PRINCIPE  
**DOM JOAM N.S.**

Pelo M. R. P. Fr. JOAM DOS PRAZERES,  
Prègador Gèral, & Chronista mòr da  
Religião do Principe dos Patriarcas  
SAM BENTO.

LISBOA.

*Com todas as licenças necessarias.*  
Na Officina de MIGVEL DESLANDES,  
Impressor de S. Magestade. Anno 1692.

AO  
**PRINCIPE**  
 NOSSO SENHOR.

SERENISSIMO PRINCIPE.

**A** OS pés de V. R. A. offereço nas vinte & huma letras que formão o Abecedario, sessenta & tres discursos politicos, de que se compoem o governo Catholico: animando-me a <sup>[IV]</sup> adiantar os avisos, aos annos da comprehensãõ de V. R. A. por me affirmarem os noticiosos, que entre as Nações mais bellicosas, & politicas se usava nas prosapias Reaes, formar o berço onde creavaõ os filhos, dos escudos, com que depois haviaõ de sair à campanha; ou das armas, que ficavaõ de seus Progenitores, \* (desenganadas memorias de inclytas proezas) As virtudes que neste breve Compendio deduzi das letras, que daõ principio a seus nomes, são os escudos, que a experiencia dos Politicos applicou à theorica de hum <sup>[V]</sup> governo. Os exemplos dos Reaes Predecessores de V. R. A. com que abono a virtude das maximas que escrevo, foraõ as armas, pelas quaes conseguíraõ o triunfo da fortuna: Huns, & outros defensivos, consagro à educaçãõ de V. R. A. para que lhe sirva de berço, o que a seu tempo lhe ha de fortalecer o braço; porque não he menos o nascer Principe Portuguez, do que Hercules Tebano: & se este, no berço aprendeo a ensayar as forças, que depois lhe deraõ a fama; he rezaõ, que V. R. A. no berço se applique a usar das armas que de- <sup>[VI]</sup> pois lhe perpetuem o nome. A vida de V. R. A. aumente Deos, para defenza da Fé, & gloria do Reyno.

Fr. Joaõ dos Prazeres.

*CENSURA DO M. R. P. M.*

*Fr. João da Magdalena, Leitor  
jubilado, da Terceira Or=  
dem de S. Francisco.*

EMINENTISSIMO SENHOR

**O** Bedecendo ao Decreto de V. Eminencia, vi & com atençaõ ponderei este *Abecedario Real, & Regia Instrucçaõ de Principes Lusitanos*, Author o. M. R. P. Fr. João dos Prazeres, Prègador Géral, & Chronista mór da sagrada Religiaõ do Patriarca S. Bento; & conhecendo já de outras obras, que o Author deu à estampa, o excesso que fez aos mais Chronistas na erudiçaõ, na verdade, & na elegancia, nesta me parece se excedeo a si mesmo, porque às poucas letras do A, B, C, re-<sup>[VIII]</sup> duzio hũa solida, & amplissima Instrucçaõ na Fé, & bõs costumes para hum Principe ser perfeito no governo proprio, & dos vassallos; & instrucçaõ do governo humano, não he, A, B, C, segundo Nazianzeno; he Arte das artes, & Sciencia das Sciencias: *Ars artium, & Scientia Scientiarum, quæ hominem regit, animal omnium maximè varium, & multiplex*, & tal me parece esta compendiosa obra, porque para dirigir a hũ Principe Catholico, em quanto Principe ao Politico, & em quãto Catholico ao Divino, nem tem apice superfluo, nem he em jota diminuta. Contém artificiosa consonancia entre a doutrina dos Santos Padres, & sentenciosas Maximas dos Filósofos antigos, & em tudo sonóra a nossa Santa Fé, & bons costumes, porque<sup>[IX]</sup> he politica erudiçaõ de verdades Christãas, persuasiva de virtudes, & reprehensiva de vicios, com que me parece dignissima de sair a luz, para que a dé assim ao Principe nosso Senhor, como aos mais. Convento de N. Senhora de Jesus de Lisboa 15. de Janeiro de 1692.

*Fr. João da Magdalena  
Leitor jubilado.*

*CENSURA DO R<sup>mo</sup>. P. M.*

*Fr. Manoel Leitaõ, da Ordem  
dos Prègadores.*

**V**I este *Abecedario Real, & Regia Instrucção de Principes Lusitanos*, Author o. M. R. P. Fr. Joaõ dos Prazeres, Prègador Gèral, & Chronista mòr da sagrada Religiaõ do Patriarca S. Bento; & sendo em tudo ajustado a nossa Fé, & bõs costumes, he juntamente digno de muitos louvores pela muita erudição de seu Author, em que se vè quam falso he o ditto de alguns que com menos consideração disseraõ, que nunca podiaõ os Religiosos serem bons Politicos (como se da melhor Politica não fosse base, & fundamento a Virtude, & Religiaõ) mas já este parecer se vè desmentido <sup>[XI]</sup> nesta Obra feita por hum Religioso, com tanto engenho, erudição, & acerto, que se pòde chamar o melhor Politico. He tal este Abecedario, que elle só por si bastava para que quando S. R. A. o decore & saiba, se constitua hum Principe taõ perfeito, que se veja ser dos seus Progenitores o melhor imitador, & para os seus Successores hum grande exemplar. Compoemse este Compendio de poucas folhas, propriedade das arvores, que daõ de si muitos frutos; não como algumas, que sendo menos que pouco o fruto, he mais que muito a folhagem. Os similes, & comparações, de que usa o Author nestes seus documentos, são taõ insignes, & proprios, que a sua propriedade não só ensina, & recrea, mas admira. E porque não só <sup>[XII]</sup> será de grande utilidade para a educação de S. R. A. mas tambem para a de outros Principes, com credito da nossa Nação Portugueza, me parece muito digna de que se imprima. S. Domingos hoje 23. de Janeiro de 1692.

*Fr. Manoel Leitaõ.*

*CENSURA DO M. R. P. M.*

*João de Almeida, da Companhia de Jesus.*

SENHOR

**E**Xercitou o Author taõ felizmente a penna nas gloriosas acçoẽs do Principe dos Patriarcas, seu glorioso Padre S. Bento, que parece foi disposiçaõ superior, que se ensayasse entaõ nas Emprezas daquelle grande Principe, para sair agora cõ esta do *Abecedario de Principes*, que offerece a S. A. o Principe nosso Senhor que Deos guarde: Nas de seu Patriarca mostrou que se podem ajustar as virtudes cõ a politica; & nesta, mostra que pòde, & se deve ajustar a politica com as virtudes. E para que os puramente <sup>[XIV]</sup> estadistas naõ censurassem por nova esta maxima, com incansavel estudo, & singular liçaõ dos Authores mostra com Santos, com Politicos, & ainda com profanos o quanto foi sempre de todos, e em todas as idades venerada dos mayores homẽs, & praticada dos melhores Principes, que de si deixáraõ gloriosa memoria: & para que a S. A. naõ sejaõ estranhos os exemplos, lhe poem à vista os dos Senhores Reys seus gloriosos Ascendentes: com tal acerto, que sendo doutrina de tantos como allega, parece he só sua; enfim, como creado na escola daquelle Santo Patriarca, que logo na fundaçãõ de sua Sagrada, & Illustre Religiaõ quiz que seus Conventos o fossem de Religiosos, & juntamente escolas aonde Principes aprendessem as primei- <sup>[XV]</sup> ras letras, como agora offerece o Author estas a S. A. & taõ bẽ formadas, que o faraõ hum Principe perfeito, como esperamos o ha de ser S. A. pelo que me parece digno que V. Magestade lhe cõceda a licença que pede. S. Roque 30. de Janeiro de 1692.

*João de Almeida.*

## LICENÇA DA RELIGIAM

**O**M. R. P. D. Abade do nosso Mosteiro de S. Bento da Saude, & o Reverendissimo P. Chronista mór do Reyno, vejaõ o livro, de que o supplicante aqui faz mençaõ, & achando tem os requisitos para se dar á estampa, damos a licença que se pede. Coimbra 20. de Novembro de 1691.

*O D. Fr. Bento de S. Thomas,  
Gèral de S. Bento.*

*CENSURA DO M. R. P.*  
*Prègador Gèral Fr. Roque da Na=*  
*tividade, D. Abbade do Mo=*  
*steiro de S. Bento da Saude.*

R<sup>mo.</sup> P. N.

**O** Bedecendo como humilde subdito à ordem de V. R. em que me manda reveja o livro intitulado, *Abecedario Real, & Regia Instrucção de Principes Lusitanos*, composto pelo M. R. P. Prègador Gèral Fr. João dos Prazeres, Chronista mór da nossa Religiaõ, digo, que tive excessivo gosto de o ler, & em seu Autor muito que louvar, & entendo que se nos dous tomos, que compoz de Emprezas da vida do Principe dos Patriarcas, fez a todos patente o subido de seu engenho na inve-<sup>[XVIII]</sup>ctiva das Emprezas, nos acertos dos apodos, na abundancia, & noticia de escrituras, assim divinas, como humanas: com este Abecedario Real o coroou na escolha dos assumptos, na brevidade dos discursos, na pureza da linguaagem, & sobre tudo no fallar ajustado, dando reaes documentos ao Principe nosso Senhor com os exemplos de seus Predecessores, para ser em tudo Principe perfeito; pelo que me parece Vossa Reverendissima lhe dè a licença que pede para se imprimir. Lisboa, São Bento da Saude 26. de Dezembro de 1691.

Humilde filho, & subdito de V. R.

*Fr. Roque da Natividade,*  
*D. Abbade do Mosteiro de S. Bento da Saude.*

*CENSURA DO R<sup>mo</sup>. P. PRE=*  
*gador jubilado Fr. Rafael de Jesus,*  
*Chronista mòr do Reyno.*

R<sup>mo</sup>. P. N.

*Fr. Bento de S. Thomas.*

**S** Em faltar à obediencia, nem à censura, li este breve compendio, que seu Author intitula, *Abecedario Real, & Regia Instrucção de Principes Lusitanos*, regulandolhes as vidas pelas maximas, com que sahio a luz nos primeiros dois tomos, que escreveo das heroicas virtudes, & Catholicos documentos do Principe dos Patriarcas nosso Padre S. Bento, & me parece taõ digno de aplausos, como izento de censuras, & que Vossa Reverendissima não só <sup>[XX]</sup> lhe deve conceder a licença, que pede, senaõ também o deve obrigar, a que com toda a brevidade o dè á estampa, porque se manifeste a riqueza do thesouro, sem o defraudarem os vagares do tempo. Lisboa, S. Bento da Saude em 5. de Janeiro de 1692.

Humilde filho,  
 & servo de V. Reverendissima.

*Fr. Raphael de Jesus,*  
*Chronista mòr do Reyno.*



# LICENÇAS.

Vistas as informações, pode-se imprimir o Abecedario Real, de que esta petição trata, & depois de impresso tornarà para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrà. Lisboa 25. de Janeiro de 1692.

*Pimenta.*

*Noronha.*

*Castro.*

*Foyos.*

*Azevedo.*

Pode-se imprimir o livro, de que a petição faz menção, & depois tornarà para se conferir, & <sup>[XXII]</sup> dar licença para correr, & sem ella não correrà. Lisboa 27. de Janeiro de 1692.

*Serraõ.*

Oue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarà à Mesa para se taxar, & conferir, & sem isso não correrà. Lisboa 4. de Fevereiro de 1692.

*Mello P.*

*Lamprea.*

*Ribeiro.*

*Cerqueira.*

**C**ohæret cum originali. In Conventu Deiparæ à Jesu die 22. Martij  
1692.

*Frater Joannes à Magdalena,  
Lector jubilatus, & Sancti  
Officij Consultor.*

**V**isto estar conforme com seu original, pòde correr. Lisboa 28. de  
Março de 1692.

*Pimenta.*

*Noronha.*

*Castro.*

*Foyos.*

*Azevedo.*

**P**ode correr. Lisboa 30. de Março de 1692.

*Serraõ.*

**T**Aixaõ este livro em hum tostaõ. Lisboa 28. de Março de 1692.

*Mello P.*

*Lamprea.*

*Roxas.*

*Marchaõ.*

*Azevedo.*

*Ribeiro.*

# A

- 1 *Amante,*
- 2 *Amado,*
- 3 *E Animoso.*

1 **P**ARA utilidade dos homens, Senhor, se inventàraõ as letras. Por mais qualificada que seja a pessoa, he diamante bruto, em quanto não clarifica o juizo. O exordio por onde a Arte começa a polir a natureza, he o *Abecedario*, que ensina a conhecer a fôrma das letras, cõ que <sup>[2]</sup> desbasta a rudeza dos engenhos. As differenças dos homens, saõ como as especies das arvores, que ou seião reaes, ou inferiores, todas nascem sem prestimo, & depois a natureza as alimenta, & a Arte as cultiva, & aperfeiçoa.

A letra A, he por onde principia o Abecedario. Os Ortograficos derão a esta letra a primazia, pela considerarem mais proxima ao coração; porque na pronuncia se respira do mais intimo; 1. & quando nascem os homens, he a primeira que dearticulão: 2 & se o emprego do nosso amor, he o primeiro affecto de hum coração; 3. só Deos he o unico objecto que merece ser amado; & sendo o amor de Deos o primeiro exordio da educação de V. R. <sup>[3]</sup> A. serà o nativo, & cordeal empenho de toda sua vida: os Principes, ainda que vasos de ouro na excellencia, saõ vasos de barro na formação; & como taes, sempre ficão com o sabor da primeira agoa, que recebèraõ, ainda que depois lhe lancem outra mais, ou menos saborosa.

Assim que V. R. A. chegar ao tempo da adolescencia, & nelle industriado na Doutrina Christãa; sem cujos documentos, & comprehensãõ não està idoneo para os empregos de seus espirituaes affectos; lembrese, que o amor de Deos he o primeiro mandamento da Ley Divina, & por tanto, deve ser a primeira gala, com que V. R. A. exorne o espirito, & ennobreça a purpura; 5. & o primeiro grão por onde ha de <sup>[4]</sup> subir para o Ceo, & para o Solio. 6. Neste amor, tem V.

R. A. o melhor conselheiro para as felicidades do trono, & para as honras do tumulo. 7. Feliz o Principe, que semelhante ao Sol, com a mesma luz que apparece no Horizonte, se vê no Occidente; & no mesmo tempo em que dà luz à terra, resplandece no Ceo.

Comece V. R. A. a subir, com advertencia, que não poderá adquirir virtude, que não ache illustrada em seus Ascendentes: & para navegar pelo mesmo rumo, por onde elles aportarão felices; 8. conheça, que ao serem *Amantes* de Deos, & do proximo, foraõ as duas azas, 9. que os remontarão, & com que excederão a todos os Principes de Europa: & que o reciproco amor, com que <sup>[5]</sup> foraõ *Amados* de Deos, & dos vassallos, os *Animou* a acometerem empresas taõ arduas, que lhe serviriaõ de mortal tropeço, não sendo animados destes dous Espiritos. Os Principes sem estas duas azas, são como as Aguias, em lhes faltando aquellas, que lhes deu a natureza; sem as quaes, nem avezinhaõ com o Sol, nem dominaõ sobre as nuvês.

O fervoroso amor de Deos, com que o Senhor Felipe Wilhelmo, sendo Duque de Neuburg, chorava suas culpas aos pés de hum Crucifixo, duas horas de manhã, & outras tantas de noite, 10. o levantou a Principe Eleitor Palatino, com tantas ventagões a todos os Principes, que tendolhe fabricado o berço de todos os brazões illustres de Euro- <sup>[6]</sup> pa, lhe ornou o tumulo com as melhores Coroas da Christandade. Senhor, o *amor de Deos*, he a verdadeira pedra filosofal, cujo toque converte em ouro a terra, que a natureza criou barro, & o Sol transforma em varios metaes.

E advirta V. R. A. que Deos não lhe aceitarà os actos de seu amor, quando lhe falte aos preceitos de sua ley; porque o Principe que não observa os Mandamentos de seu Creador, he semelhante ao vassallo, que tem odio à ley de seu Principe; o qual, ainda que se mostre amigo na veneração externa, he seu contrario no foro interior. 11.

Conhecendo tambem, que o amor dos Principes para com Deos, não se qualifica nos actos de reco- <sup>[7]</sup> nhecimento, senaõ nas obras de virtude: não só no particular fervor do espirito, com que o amaõ, mas tambem na magnificencia do culto, com que o veneraõ. 12. A

edificação de cento & sincoenta Igrejas que El-Rey D. Affonso Henriques erigio em gloria de Deos, & de seus Santos, 13. deixou por documento, que o amor dos Principes para com Deos, he como o amor dos homens para com seus progenitores; que em faltando à veneração dos pays, desmentem do amor de filhos. 14.

Do *amor de Deos* nasce o *amor do proximo*: este, sendo chamma ateada daquelle fogo, he o nutrimento delle. 15. Tanto mais subirà V. R. A. no amor de Deos, quanto mais se adiantar no *amor do proximo*.<sup>[8]</sup> Para com os Principes, o *proximo* mais proximo são os vassallos: & muitos desejarão ter subditos taõ benemeritos, como V. R. A. tem nos Portuguezes. 16. El Rey D. Joaõ o Primeiro de Castella, & a Rainha Catholica de Hespanha D. Isabel, dizião, que entre as Nações, sómente os Portuguezes amavaõ a seus Reys, como a seus pays. 17. E isto he, & foi procedido, dos Principes Lusitanos os estimarem sempre como filhos, & nunca os opprimirem como servos. 18. Hum Principe altivo, descompondo subditos reverentes, he semelhante ao espinheiro ingrato, presidindo a plantas salutiferas, as quaes fogem da sua sombra, & se amparaõ de outra arvore, que lhes sustente, e não lhes prejudique a virtude.

[9]

2 *Amado de Deos*, serà V. R. A. afortunado com tal excesso, que os Anjos pelejarão em sua defesa, assi como o fizeraõ na batalha do Salado, onde El-Rey D. Affonso o Quarto se laureou invencivel; 19. & o mesmo Deos lhe defenderá a vida, como guardou a do nosso restaurador, o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto, cegando com o denso de hũa nuvem ao Sacrilego, que intentou darlhe a morte. Os Principes *amados de Deos*, gozaõ as imunidades da arvore *Attricia*, a quem não corrompe a agoa, nem consume o fogo; porque o Sol lhe cõmunica tal virtude, que a livra dos contrastes do tempo, com que triunfa no campo, & se immortaliza nas obras que lhe perpetuão a vida.

[10]

*Amado* dos vassallos, experimentarà V. R. A. em obsequio de seu serviço, o natural amor, com que os Portuguezes desprezàrão a

propria vida, por salvarem a de seus Monarcas; & aquelle inexpugnavel esforço, com que dilataraõ o nome de seus Principes, por todo o gyro por onde o Sol aperfeioa o curso. 20. Em tudo saõ os vassallos parecidos com a terra, principalmente em se transformar em bronze ou se converter em ouro, conforme o mayor, ou menor influxo, com que lhe assiste o Planeta: subindo de valor corresponde ao empenho, com que a fomenta o Sol.

3 Do mais generoso affecto formou Deos o *animo*, que he a mayor virtude dos Principes; 21. o qual <sup>[11]</sup> entre os bens temporaes, he a melhor herança; 22 pela soberania com que se engrandece, & sustenta a si mesmo; 23. pela virtude com que exorna, & immortaliza os Principes; 24. pela valentia com que soporta, & vence os trabalhos; 25. pelo esforço com que sopêa os vicios, que lhe escurecem o credito; pelo arduo das emprezas, em que occupa as forças, com que abona o espirito; 27. & pela prudencia, por onde governa as acçoês, fugindo a temeridade, lhas deslustra. 28. Os attributos do valor, & as cõdiçoês da fermosura confrontaõ, em que a correspondencia das partes constitue a perfeiçaõ do todo.

Os soldados pelejaõ com a voz, & com o braço: & vencem, sendo a <sup>[12]</sup> voz, & o braço de Deos: & se o instrumento naõ obrar conforme a vontade do artifice, faltará a V. R. A. a fidelidade, & valor dos Portuguezes, quando lhe falte o braço de Deos com o costumado auxilio, cõ que amparou a todos seus Ascendentes. O animo dos Principes desanimado de Deos, & estabelecido na copia, & valor de seus exercitos, padece o mesmo, 29. que experimentaõ os Indios Orientaes na pedra Herviana; a qual no mesmo dia em que amanhece pedra, anoitece cinza. 30.

# B

- 1 *Bellicoso,*
- 2 *Benéfico,*
- 3 *E Benevolo.*

<sup>1</sup> **E**Ntre os Planetas, o de Marte, pelo que tem de belicloso [sic], he annũcio de felicidades, quando predomina nos Principes: assim o experimentou Portugal na aclamação dos Reys D. João o Primeiro, & do Senhor D. João o Quarto, a quem a força das armas assegurou a posse do Reyno. Senhor, os subditos governados por hum Principe bellicoso, consideraõ-se atomos atrahidos do Sol, que ou se resol- <sup>[14]</sup> vem em agoa, com que fertilizaõ a terra; ou em trovoês, com que atemorizaõ o mundo.

He inutil o animo, sem o exercicio das forças; 1. mas nem toda a occupação he espelho do valor: 2. o domar Leoês, & não o acobardar ovelhas foi todo o emprego do valor Lusitano. As primeiras embarcações, que El-Rey Dom Manoel mandou à India, levavaõ ordem de não fazerem guerra aos inertes, senaõ aos bellicosos. 3. A tempestade, desacredita as forças, movendo as areas, & deixando as pedras.

A magestade das armas, distingue a soberania dos Principes, da sobordinação dos vassallos; 4. dilata os Reynos, cõ o braço dos subditos; 5. pacifica o povo, com o <sup>[15]</sup> terror das armas; 6. & resguarda o Cetro, com o temor dos inimigos: 7. sendo o exercicio das armas, como as carrancas da nuvem, que apparecendo no Ceo, obriga ao Piloto a recolher as velas, receoso da tempestade.

2 *Benéfico* para com todos, tem V. R. A. obrigação de ser, em todo o tempo; para que nenhum lhe falte a real virtude da beneficencia, 8. sem a qual, fora inutil o provimento das armas, com que El-Rey D. João o Primeiro presidiou Portugal; conhecendo, que El-Rey D. Fernando por falta dellas, o havia atenuado. 9. As armas

nas mãos dos vassallos, faltando a beneficencia da parte dos Principes, são espadas desembainhadas sem odio, nem <sup>[16]</sup> amor; que quando muito, chegam a apartar, & não passam a ferir.

Nenhum racional, & menos hum Principe, pôde obrar tão exacto, que lhe não arguam defeitos: a beneficencia he a capa que os cobre; 10. porque reconcilia os animos. Affirmaõ todos, que a liberalidade com que El-Rey D. Fernando dispendeu os thesouros, era a fim de cohonstar a falta de seu governo. 11. Os desafeiçoados, seguem o natural dos rafeiros, que não ladram em quanto comem, nem mordem a quem lhes dà de comer.

Use V. R. A. da *Beneficencia* com tal discrição, não pareça prodigalidade, dispendendo sem conta, & sem respeito: não ostente prodigalidades, preece benemeritos; 12. <sup>[17]</sup> facilitandolhe o favor, para que o estimem como dadiva, & não como preza, 13. que desobriga do agradecimento a quem a leva por força.

3 A *Benevolencia*, & a Justiça são as duas fontes, por onde a liberalidade corre com estimação, & pureza. 14. Julgaram os Politicos, que o sogeito mais affavel, merecia o primeiro lugar na Republica, 15. pelo considerarem mais rico, porque mais amado; 16. mais fortalecido, por mais independente. 17. Assim por estas, como por outras virtudes merece a *Benevolencia*, que V. R. A. a estime como Coroa, que remata os claros da Magestade, & authoriza os poderes da soberania, O natural de hum Principe benevolo, he moderado na ira, mise- <sup>[18]</sup> recordioso nas penas, cuidadoso de todos; 18. & remunerador de serviços: 19. atributos, que exaltaram as Coroas dos Reys D. João o Primeiro, D. João o Segundo, & D. Manoel; a cuja beneficencia se pôde attribuir aquella superior veneração, com que foram amados, & temidos. A beneficencia, goza as imunidades do orvalho, que na brandura, com que refresca a terra, aproveita mais, do que a inundaçãõ da chuva, que escarva os montes, & afoga os valles.



# C

- 1 *Catholico,*
- 2 *Circumspecto,*
- 3 *E Confiado.*

<sup>1</sup> **D**esnecessaria advertencia, a de Catholico, para hum Principe filho de Pays Christianissimos, & Senhor de hum Reyno em todos os seculos orthodoxo, & que dignamente conserva hoje o seu antigo Brazaõ, de *Sacrario da Christandade*; porque o culto, com que nelle se venera a Deos, excede ao de todas as Nações, com tal excesso, que S. Francisco Xavier o acclamou na India pelo mayor da <sup>[20]</sup> Christandade: 1. & se o Reyno he o mais Catholico, V. R. A. tem obrigação de ser o mais religioso; 2. para cõ seu exemplo lhe augmentar, & não diminuir o credito. A vida dos Principes, não correspondendo à virtude do Reyno, he planta esteril em terreno fecundo, que lhe esteriliza a fertilidade, porque lhe enfraquece a virtude.

Seja V. R. A. Catholico sem hipocrisia, nem superstiçaõ; que he culto profano, & religiaõ aparente; 4. & a hipocrisia, apparencia mentirosa, & fingimento desleal a si proprio. 5. Entre os Reys de Portugal, se não encontra Principe contaminado desta falsa luz; que depois de enganar os olhos, mostra desaparecendo, que era vapor, o <sup>[21]</sup> que parecia estrella.

2 *Circumspecto* na especulaçaõ dos negocios deve ser o Principe, para conhecer a verdade; por não cair no erro do Piloto, que perdeu a embarcaçaõ, porque não sondou os baixos do pêgo.

As circunstancias afeiaõ a culpa, ou enfeitãõ o delito; difficultãõ o emprego, ou facilitaõ o progresso. O resolver sem premeditar, he arriscado a retroceder sem conseguir; deliberaçaõ odiosa na vontade, com que empredeu a vingança, & imprudente no arrojo, com que perdeu o respeito. Acçaõ louvada de todos, foi a de El-Rey D.

Affonso o Terceiro, deixando de romper com França, advertindo a falta de gente com que se achava pelos co-<sup>[22]</sup> piosos exercitos que tinha fóra do Reyno: 6. pelo que, està V. R. A. obrigado, a investigar por todos os caminhos as conveniencias do tempo, & da pessoa, 7. o complicado dos negocios, & a sufficiencia dos sogeitos, com as obrigações dos lugares; porque o artifice, que não delineou primeiro na Idéa o artefacto da obra, destruiu tudo, quanto dispoz inconsiderado.

3 *Confiado* em demasia, não he de Principe sobrado de prudencia; se he vicio o crer a todos, igualmente o será, não dar credito a nenhum. 8. Mais util he a desconfiança, que examina, do que a seguridade, que descuida. 9. O confiar acautelado, he desconfiança nos prudentes: maxima por todas as rezões amada<sup>[23]</sup> dos Principes desejosos de augmentar a Republica, como os Contratadores de segurar a fazenda, abonando o credito da palavra com o juridico das escrituras.

A confiança imprudente, que El-Rey D. Sancho o Capello fazia de seus ministros, o privou do trono; 10. & a cega desconfiança de El-Rey D. João o Segundo, lhe ennevoou os claros de seu luzimento. 11. Senhor, em todo o negocio ha V. R. A. de crer com mais seguridade ao parecer de hum ministro desinteressado, do que à loquacidade de muitos requerentes; que taõ inutil he para o governo hum Principe, que de todos se fia, como aquelle que desconfia de todos: 12. porque mal póde saber o numero das<sup>[24]</sup> horas, quem não dà credito a nenhum sinal dos relogios que ouve.

## D

- 1 *Docil,*
- 2 *Discreto,*
- 3 *E Desinteressado.*

<sup>1</sup> *Docil* com superioridade, foi natural dos Principes, a quem as historias celebraõ heroicos em toda a virtude. O animo pertinaz tem na obstinaçãõ toda a rusticidade, & o *Docil* goza na brandura toda a policia. Bruto, & naõ polido seria o diamante, se fora inflexivel na dureza; em se reduzir, a arte, descobre os quilates <sup>[25]</sup> que daõ o valor. A Magestade como vé menos, deve ouvir mais, por se naõ engolfar no parecer proprio. El-Rey D. Pedro o Primeiro, sendo amantissimo da justiça, adquirio o nome de Cruel, pela inflexibilidade, com que nos castigos excedia os termos da ley, & da propria jurisdicãõ: 1. pelo contrario, El-Rey D. Affonso o Quarto, morigerou o colerico de seu animo, na *docilidade* com que ouviu, & obedeceo aos ministros, que o arguirãõ de remisso no governo; & de demasiadamente inclinado à montaria. 2. A soberania dos Principes, & a fineza do ouro abonaõ os quilates, em se dobrarem sem quebra.

O animo *Docil* com facilidade, recebe a opiniaõ verdadeira, & re-<sup>[26]</sup> fûta a falsa. 3. Ninguem se livra de errar como homem; mas só de nescios he, perseverar no erro como brutos. 4. Senhor, estime V. R. A. o seu querer, como ouro creado no mineral de seu entendimento; com tal respeito, que o entregue às chãmas do conselho, para o livrar das fezes, que pòde ter o parecer proprio.

2 *Discreto* com singeleza, (que val o mesmo, que prudente sem engano) 5. he virtude propria dos Principes. 6. A discriçãõ civil he demonstradora da prudencia, por ser a lingua, que declara, & explica a sciencia politica, cujas propriedades saõ, ver a pessoa, & conhecer-lhe o animo; 7. donde a falta desta Discriçãõ, desalenta tanto o discurs-<sup>[27]</sup> so do Principe, quanto a falta de forças ao corpo humano; o qual perde os acertos das operações, por falta da agilidade.

Esta discriçãõ, he no mundo a Arvore da sciencia do bem, & do mal, 8. que Deos creou em recompensa daquella, donde Adão colheo o pomo vedado: os frutos desta Arvore saõ, memoria do passado, intelligencia do presente, & attençãõ ao futuro; 9. cujo sabor he o da Justiça, Temperança, & Fortaleza: 10. com estes frutos sustentãraõ o Reyno D. Affonso Henriques, D. Sancho, D. Joaõ o Primeiro, & o Segundo, D. Manoel, & o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto. Senhor, a

Discrição Política, he o leme por onde se governaõ as Monarquias; estas, <sup>[28]</sup> assim como as embarcações, seguem o rumo, que lhes mostra a sciencia do Piloto.

3. *Desinteressado* he todo o Principe educado para Rey, & não para mercador. 11. O lucro he interesse de necessitados, 12. & não comercio de Principes. O desinteresse refrea os envejosos, & desmente os mal intencionados. O despego, com que se houveraõ os Reys D. Affonso o Bravo na Batalha do Salado, 14. El-Rey D. Joaõ o Segundo no descobrimento dos Estados do Preste Joaõ, 15. & El-Rey D. Manoel na conquista da India, 16. desmentio as aleivosas calumnias de seus emulos: porque todos conhecem, que a ambição dos Principes he o formento, que lhes corrompe a virtude, o des- <sup>[29]</sup> interesse, a triaga que lha preserva.

## E

- 1 *Esmoler,*
- 2 *Expedito,*
- 3 *E Eloquente.*

<sup>1</sup> **C***elestial* comercio, o da *Esmola*, que adquire mais do que dispende. 1. Ditoso o Principe, que enriquece o Reyno por aquelles meyo, porque compra o Ceo. 2. Nenhum dos Reys de Portugal ignorou este suave modo de prover os Erarios, sem o cuidado de beneficiar o trigo, depois que o lançaõ à terra, que foi a mão dos pobres, a quem enrique- <sup>[30]</sup> cèraõ com dadas: 3. nesta providencia, foi mais intelligente que todos, El-Rey Affonso o Terceiro, que chegou a vender as joyas de seu thesouro, por haver dispendido com os pobres todo o dinheiro amoedado que tinha. 4. Elle, & seu filho El-Rey D. Diniz colhèraõ os frutos desta seàra, com ventagões taõ multiplicadas, como experimenta o Justo, a quem as mãos de Deos servem de thesouro, & não o peccador, que nas mãos dos homens faz o seu deposito.

Imitou o filho ao Pay, El-Rey D. Diniz a El-Rey D. Affonso, com desigual fortuna na eleição do tempo; porque o Pay dispendeu em vida, & o filho à hora da morte; 5. & he certo, Senhor, que a luz guia, <sup>[31]</sup> livra dos tropeços, & a que segue, não izenta tanto dos perigos.

2 *Expedito*, & não arrojado, he todo o Principe dotado de prudencia. O premio, & o castigo, podem ser penosos, & suaves, na brevidade ou detença medem as espadas, & igualaõ os escudos. O desengano vence a esperança no util, 6. ainda que a promessa entretenha a muitos com a esperança. 7. O Principe que não espera lhe repitaõ a supplica, dobra a dadiva; 8. & para premiar com justiça, & utilidade das partes, deve ser *Expedito*, porque se governa pelo entendimento, & memoria; & não acelerado, que segue os impulsos da vontade: & se muitas vezes succede aos que tem vista errarem as veredas, como poderãõ os ce- <sup>[32]</sup> gos atinar com os caminhos?

Seja V. R. A. *Expedito* com a denominação de prudente, para não faltar às atençaõs da justiça, piedade, & magnificencia; porque senão fora prevista, seria perniciosa a expedição, com que differiaõ às supplicas os Reys D. Pedro o Justicoso, D. Joãõ o Terceiro, D. Manoel, & o Senhor Rey D. Joãõ o Quarto. Senhor, a embarcação quanto mais veleira, em lhe faltando o leme, mais depressa dà à costa.

3 A *Eloquencia* he sabedoria frondosa, fecunda, & agradavel; que se adquire com a lição do estudo, & com a practica dos sabios. 9. O seu prestimo he avassallar com a elegancia das palavras, o que se não pòde conseguir com o poder das <sup>[33]</sup> obras. Atrahes os animos, 10. não exceptuando qualidades, porque se oppoem, à potencia dos Reys. 11. Dòma a cavilação dos inimigos; & pacifica o orgulho dos ingratos: 12. rezoões que constituem a hum Principe sem *eloquencia*, homem sem falla, que lhe he necessario trabalhar com as mãos, para dar a entender, o que não pòde pronunciar.

Mas com a *Eloquencia* ser taõ poderosa, mais util serà a hum Principe, parecer rustico, & ser Santo, do que distrahido, & eloquente. 13. Ha muitos, que estimaõ menos o serem virtuosos, do que parecerem entendidos. 14. Não estime V. R. A. esta ignorancia, preze

muito a virtuosa *eloquencia* de seus Ascendentes, El-Rey D. Diniz, D. João o Pri-<sup>[34]</sup>meiro, D. Manoel, & D. Sebastião, \* porque se as folhas galanteão os troncos, os frutos distinguem as qualidades.

Naõ se engane com a loquacidade, tendoa por eloquencia; porque o fallar muito, he teima de nescios; & o pouco fallar, propriedade de entendidos; 15. & se as folhas são linguas das arvores, menos se movem as do Platano salutifero, do que as do Alamo infructuoso.

[35]

# F

- 1 *Fervoroso,*
- 2 *Firme,*
- 3 *E Fabricador.*

<sup>1</sup> **O** *Fervor* do animo, & o ferver da agoa parecemse, em que a agoa na fervura, expede a malignidade; & o animo no *fervor*, purifica a virtude, 1. ou refina o vicio: este calor, he fogo do inferno, que arde, & naõ luz, & o outro, he do Empireo, que luz, & naõ arde. Imite V. R. A. em seu fervor ao empenho, com que os Reys seus Ascendentes augmentáraõ a Fé, no zelo das Conquistas; & emendã-<sup>[36]</sup>raõ os vicios, com a execuçaõ das leys: porque he certo que o *fervor* desviado do util, he rayo, que primeiro rasga as entranhas da nuvem, onde se fórma, do que rompa o monte, sobre que desce.

2 Vassallo com o titulo de Rey he todo o Principe inconstante na palavra: em naõ sendo *Firme* na promessa, he labèo da Magestade. 2. Em todo o Principe he avaliado este defeito, pelo mayor danno de sua reputaçãõ; 3. & com mayor justiça em os Reys Lusitanos; porque da satisfaçaõ com que El-Rey D. Duarte desempenhava o que prometia, se compoz o adagio: *Palavra de Rey*; 4. & todo o seu Descendente, que naõ sustentar este credito, serà contado em o numero das <sup>[37]</sup>Aguias, que degeneraõ da nobreza dos pays.

Disseraõ os Antigos, que o Principe inconstante na palavra, ou era cego, ou surdo; 5. ou naõ via o que era, ou naõ ouvia, o que delle se

murmurava; porque se vira o valor da estimação, que lhe deraõ os homens, conhecèra, que os primores da Magestade, não se desempenhaõ em consultar o que se deve fazer, senaõ em perseverar na resolução determinada: 6. & se ouvira o que delle se murmurava, soubera, que os naturaes, & estrangeiros tem a semelhantes Principes na conta de joyas falsas, que não são estimadas pelo valor, senaõ pelo artificio; não pelo que enriquecem, sim pelo que substituem.

[38]

3 Seria inutil a creação da terra, sem a formação do homem. Na terra creou Deos o alicesse, & no homem o *Fabricador*, que sobre ella edificasse o culto devido a Deos, & a utilidade conveniente aos homens. Hum Reyno sem Principe que o fabrique, he, como seria a terra sem homem que a cultivasse, a qual nunca passaria da rudeza de monte á perfeição de mundo.

Os que authorizàraõ a terra, forão os Principes, que a dividirão em Respublicas para a enriquecerem com edificios; assim como fizerão a esta Corte de Lisboa, El-Rey D. Fernando, cercando-a de muros; 7. & a todo o Reyno D. Diniz, povoando-o de Lugares, & de varias Fortalezas, que o ornão, & <sup>[39]</sup> defendem. 8. Senhor, o Principe que falta em fabricar seu Reyno, he agricultor, que colhe, & não planta; o qual em breve tempo desauthoriza a herdade, & a deixa infructuosa.

## G

- 1 *Grato*,
- 2 *Generoso*,
- 3 *E Germanado*.

<sup>1</sup> **G**Astar, ou não dispende, he voluntario; \* mas receber, & não galardoar, he villania. 1. O Principe sendo ingrato, offende a Deos, desauthoriza a si, & deslustra o Reyno. 2. O agra- <sup>[40]</sup>decimento, satisfaz parte do beneficio: 3. & a remuneração, desobriga

de todo o desempenho, abona a qualidade, & obriga aos animos: da mesma sorte que El-Rey D. João o Primeiro, com as devidas honras com que premiou o singular esforço de D. Pedro de Menezes, primeiro Conde de Viana, 4. El-Rey D. Sebastião o insigne talêto de João de Barros. 5. Os Principes soberanos, devem imitar a Deos, que he Senhor supremo; o qual, sendolhe devidos todos os cultos, remunera, como beneficio, a observancia de sua Ley a que estamos obrigados.

Para V. R. A. satisfazer as obrigações de agradecido, deve considerar a pessoa, o serviço, & o tempo em que o empenharaõ; 6. porque <sup>[41]</sup> mal poderà igualar o agradecimento, quando não pondere as circunstancias do serviço; 7. & senaõ puder premiar a todos como deve, aprenda do Sol a grangear os affectos; enfeitando com a producção das plantas os montes, a quem não enriqueceo com o valor das minas.

2 *Generoso* he aquelle Principe, que não degenerou de sua Prosápia, 8. conservando em todo o tempo, & fortuna a soberania de sua Alteza: 9. rezão que obrigou a muitos, a desprezarem a terra de que foraõ creados, pela conhecerem esteril, quando deixa de ser cultivada.

Senhor, todos os Reys de Portugal abonaraõ a generosidade de seu animo, imitando a virtude de seus Ascendentes: & para V. R. A. <sup>[42]</sup> mostrar nas obras a que herdou no Sangue, não busque os augmentos por meynos illicitos; 10. porque se os Reys Lusitanos se aproveitaraõ das ofertas, com que em muitas occasioões os Hespanhoes rebeldes a seus legitimos Reys se lhe offereceraõ feudatarios, forão hoje abominados de toda a Europa. Conserve sua regalia em toda a fortuna, 11. como os Senhores Duques de Bragança no tempo da união a Castella. Não se empenhe em acções humildes. 12. Estime em menos a morte, que o descredito; 13. o dãnno proprio, que o ganho illicito: como o Infante D. Fernando, querendo antes ficar em cativo, que consentir se entregasse Ceuta aos Mouros: 14. Generosa qualidade da <sup>[43]</sup> Aguia, que quando não acha preza que lhe encha as garras, perece à fome, por não desluzir as forças, & abater o solar.



3 Se fora obrigação dos Principes viverem *Germanados* com seus parentes, seria divida de V. R. A. o confederarse com todos os Principes Catholicos, & com muitos inimigos da Igreja; porque esta excellencia tem o Sol, que não sómente he aparentado com a geração das Aguias, mas tambem com a producção das Serpentes.

De justiça he V. R. A. obrigado a se *germanar* com os Principes Catholicos nas causas de religião; 15. não atropellando as obrigações de fiel, por satisfazer à confederação de aliado: 16. conhecendo, que <sup>[44]</sup> deve buscar amizade, que sirva de alivio, & não de pezo a seu Reyno; 17. de credito, & não de vilipendio a sua Coroa; porque na *sympatia* que tem o Balsamo com o Choupo, desabona sua virtude; por o Choupo tem pouco prestimo: & a liança que a Romeira tem com a Oliveira, lhe engrandece a Coroa, porque a Oliveira he symbolo da victoria. 18.

Contra os inimigos da Fé sempre se confederarão os Reys Lusitanos, & à sua liança se attribuio o vencimento; como se experimentou na batalha das Naves, & do Salado: 19. No que se verifica, creàra Deos os Reys de Portugal, quaes outros Signos do Ceo, cuja natureza busca o Sol para utilidade de seus influxos.

[45]

# H

- 1 *Habil,*
- 2 *Honesto,*
- 3 *E Honorifico.*

<sup>1</sup>**F**Ora a dita mayor dos Reynos, se os Principes assim como nascem generosos, nasceraõ eruditos: mas esta pensaõ lhe não poderaõ remir os homens, ainda que os eximirão de muitas, com que não dispensou a natureza. 1. Se o mesmo fora nascer herdeiro de hum Reyno, que *Habil* para governar, nem a providencia lhe delinearã os dictames, nem os Doutores sagrados lhe explanarão o sentido <sup>[46]</sup> delles. 2. Senhor, os Principes saõ o melhor fruto que produzio o

barro, de que se compoz a Arvore da geração humana, & nenhum fruto tem perfeito gosto, sem que o tempo o sazone nas arvores.

Medicina universal para todo o genero de fortunas, he hum Principe perfeito: & para que o fossem seus filhos, os exercitárão os Reys de Portugal em todo o genero de artes, antes que occupassem o trono: o que se vio mais particularmente na creação que El-Rey D. Affonso Henriques deu a seu filho D. Sancho o Primeiro, El-Rey D. Manoel a El-Rey D. Joaõ o Terceiro, & o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto a todos os seus Filhos; 3. & se a disciplina não preceder à obriga-<sup>[47]</sup>ção, serà o Principe qual outro lenho, que por falta de Artifice ficou tronco, podendo ser imagem.

2 O Principe *Honesto* rouba as vontades, inculcando virtudes. 4. Os costumes mostram o ser, ou não ser da Magestade; 5. & quanto mais o Principe tiver de *honesto*, tanto mais logrará de estimação. 6. Muitas virtudes necessitaõ de Chronistas que as louvem; porque o juizo parcial nunca se germanou com o desapaixonado: sómente a *honestidade* vive independente de louvores alheyos, porque ella per si se manifesta. Muitos attribuem a covardia a prudencia com que o Leão se retira do tumulto, para fogir acautelado; mas todos confessaõ, que o recato de suas lascivias, he o impulso de<sup>[48]</sup> sua magestade. 8.

A desenvoltura do Principe escurece a estimação da Coroa. 9. A casca com que a natureza cobre a medulla das arvores, as defende do tempo, & as sobe a igualaremse com os montes: 10. Aos da Magestade assombrou El-Rey D. Joaõ o Primeiro cõ a honestidade de sua vida, & El-Rey D. Sebastião com a pureza de seus costumes. 11. Senhor, as imagens inculcão, & conservão a veneração nas cortinas com que as cobrem, & os Principes, no recato com que vivem.

3 *Honorifico* para com todos he o Sol; & com utilidade propria; porque senaõ repartira de sua luz com as estrellas, não o seguirão Astros luminosos. Acredita-se a si<sup>[49]</sup> mesmo, quem ennobrece aos mais, 12. & sem comparaçã os Principes; porque os Signos celestes logrão a preferencia, conforme a nobreza das partes sobre que dominão.

Os Reynos onde falta a estimação, depressa se confundem. 13. Hũa das principaes causas que defendeo, & augmentou os Senhorios de Portugal, forão as honras, com que estimàraõ a seus Heroes El-Rey D. Joaõ o Primeiro, & o Segundo, D. Manoel, D. Joaõ o Terceiro, & o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto. 14. Os animos generosos alimentão-se com grandes honras; 15. & as virtudes tem o sequito conforme a estimação que os Principes fazem dos que as exercitão. 16. A milicia, <sup>[50]</sup> & as letras apuràrão-se neste Reyno do tempo de El-Rey D. Diniz, que não provia nos Bispados, nem dava Judicaturas a quem não pudesse substituir huma cadeira: & de El-Rey D. Joaõ o Segundo, porque não dava tença a quem não sabia pegar em huma lança. 17. Senhor, a honra que se faz ao indigno, he coroa de flores agrestes, que por falta de cheiro não atrahe os animos.

[51]

# I

- 1 *Industrioso,*
- 2 *Incansavel,*
- 3 *E Justificado.*

<sup>1</sup> **A** Arte segue à sabedoria, & a fortuna à ignorancia: 1. rezaõ, porque será mais engrandecido o sogeito, que obrar *Industrioso*, do que afortunado. 2. A natureza, & a arte, ambas são generativas; 3. mas com esta ventagem, que a industria da arte melhora a geração da natureza: 4. porque as arvores que naturalmente dão só hum genero de fruto, pela industria com que as enxerta a arte, os produzem no mes- <sup>[52]</sup> mo tempo diversos.

Senhor, a industria he producção da experiencia; 5. & a arte, huma industria habitual adquirida pelos actos da rezão; 6. que por isso affirmáraõ, valia mais huma diligencia industriosa, do que hum parecer discreto: 7. mineral, que enriqueceo os Portuguezes na administração de El-Rey D. Joaõ o Segundo, & do Senhor Rey D. Joaõ o Quarto, & a todo o Palatinado no governo do Senhor Principe

Felippe Wilhelmo, 8. onde venceo por arte as paixões, & interesses dos animos illustres, a quem a natureza, como separados pela origem, os eximio da independencia: & todo o Principe que não for industrioso, mal poderá affeiçoar para seu serviço a pe-<sup>[53]</sup>dra, que de sua natureza he desaffeiçoada, a quem a arte introduz a fórma, que lhe dá o Artifice.

Confiar na fortuna, he desatino de nescios; obedecer à natureza, inclinação de brutos: emendar a fortuna, & a natureza, he arte Real, 9. que imita nas obras, o que o mundo lhe accrescentou na veneração: pelo que, o Principe *Industrioso*, he Artifice experto, que faz das pedras imagês, & do barro fortalezas.

2 Parece impossivel, mas he necessario, que os hombros de hum Principe sejam como os de hum Atlante, que os aplica a sustentar o pezo de toda huma Monarquia. 10. Que sejam *incansaveis* no voar as Aguias, quando todas as mais Aves se podem tomar a corço? Que esti-<sup>[54]</sup>vesse El-Rey D. João o Segundo à hora da morte com a candea em hũa mão, & com a penna na outra premiando serviços, 11. quando a todos tão funèsta hora os exime do trabalho? Foi porque os Principes, & os subditos, ainda que sejam formados do mesmo barro, são como os lenhos produzidos da mesma especie, a quem o grão da Lua em que são cortados, lhe augmenta, ou diminue a duração, & a fortaleza com que sustentão a obra.

3 A *Justificação* dos actos procede de huma creatura amar, & temer a Deos. 12. A justificação do peccador para com Deos, he magnificencia Divina; 13. & a justificação dos Principes para com o mundo, he attributo da Magestade; por-<sup>[55]</sup>que esta, assim como as imagês, na justificação das obras merece a veneração do mundo.

Hum Principe justificado na rezão com que procede em suas acções, entra victorioso, assim do inimigo injusto, 14. como do successo contrario: Para este buscava desculpa, & para o outro armas El-Rey D. João o Primeiro, propondo a seus Ministros a justa causa, tinha para fazer guerra aos Castelhanos; 15. como também a occasião opportuna, o obrigava a receber a batalha de Aljubarrota: 16. em todas as occasiões sahio com triunfo; mas quando lho negasse a

fortuna, disculpava-o a justificação do conselho, & da justiça, semelhantes aos espiritos vitæ animão o corpo, & o defendẽ dos males.

[56]

# L

- 1 *Livre,*
- 2 *Lembrado,*
- 3 *E Luzido.*

<sup>1</sup> **H**E demerito das obras a falta de liberdade. 1. Donde as operações de hum Principe subordinado, tem a mesma estimação, que a verdade, com que o relógio declara nos golpes o curso, cõ que o Sol gyra no Ceo, que todos a attribuem ao cuidado do relojero, & não ao curso do Relógio.

Dizia El-Rey D. João o Segundo: *Que era indigno do soberano dominio, aquelle, cuja vontade dependia* <sup>[57]</sup> *do arbitrio alheyo.* 2. E que houvesse Principes, que quizessem participar do natural das pedras, as quaes dotando-as Deos de virtude, perdem pela ineptidão do sogetto, o que lograrião pelo favor da graça.

Senhor, a *Liberdade* dos Principes não consiste só em dominarem as vontades; senão tambem em sopearem os vicios. 3. Não importa, que sejam *livres* por natureza, sendo escravos pela culpa. 4. A subordinação aos conselhos não tirava a liberdade, com que El-Rey D. João o Primeiro discernia os negocios. 5. As cadeas dos peccados são a total prizão da Magestade. Que importa á altenaria da Aguia ter livres as azas, se tem ligados os pés? pois sogeta a liberdade do voo à violencia da prizão.

[58]

2 Em todos he a memoria deposito da sciencia, & a de reynar tem na memoria toda a sabedoria. 6. O Principe, que viver esquecido do prestimo de seus vassallos, serà no provimento dos lugares, como os

cegos no receber das esmolas, que não devizaõ os metaes das moedas que recebem.

*Lembre=se*, Senhor, daquelles que o servirem, & dos que não tiver occupado; destes, para a experiencia, & dos outros, para a estimaçaõ. Não fie tudo da memoria, tenha como El-Rey D. Joaõ o Segundo, & o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto hum livro, onde assine os nomes dos Sogeitos, conforme o prestimo de seus talentos, reputaçã, & nobreza de suas Familias; 8. porque se não <sup>[59]</sup> dà mayor rezã, para que as arvores sejaõ estimadas pelos frutos, & não os frutos pelas arvores.

3 Com dobrada luz doura o Sol os montes, do que os valles. O *luzimento* he ornato da Magestade, 9. que lhes distingue a alteza da gerarquia, assim como a luz do Sol a altura dos mões. Debaixo de qualquer vestido pòde resplandecer a piedade, 10. mas não a soberania: 11. porque da elegancia das cores se compoem o agradavel, & sobre-excellente da pintura.

Senhor, a demasiada carga faz empacho à ligeireza do navio; & o muito fausto faz menos possante a Magestade. 12. O muito Sol esteriliza a terra; & o muito luzimento empobrece o Reyno. 13. O campo <sup>[60]</sup> mais custoso na cultura, he menos rendoso na colheita. Os Principes não se devem ornar por vaidade; sim, para veneraçã: 14. como sempre se trajáraõ os Reys Lusitanos, sendo no commum custosos, & no particular decentes. 15. Em todos inculca a modestia do traje a fermosura da consciencia; 16. & nos Principes he a nimia curiosidade dos vestidos, como no Pavão a fantastica ostentaçaõ das pennas, por onde o julgaõ menos util, ainda quando mais pomposo.

[61]

# M

- 1 *Misericordioso,*
- 2 *Memoravel,*
- 3 *E Moderado.*

1 **T**Odas as virtudes reconhecem superioridade na *Misericordia*, 1.

quando as não enfeita o artificio, \* nem as fomentaõ os respeitos. Ser injusto com o pretexto de *Misericordioso*, não he compaixão, he malevolencia; assim como o ser justicõso sem piedade, he crueza, & não justiça. 3. A commiseraçã nos Principes desanexa da severidade; 4. he esmalte, que separado do ouro he vidro, por natureza fragil.

[62]

O rigor dos Principes intimida a huns, 5. & a misericordia emenda a outros. 6. A compaixão exaspera os protervos, \* & confunde aos arrependidos. E todo o Principe, que não souber usar de hum, & outro attributo, conforme a gravidade das culpas, & qualidade das pessoas, arrisca-se a cair na demencia, com que alguns intentãrão extinguir o fogo, augmentandolhe a materia.

Senhor, em todos he necessaria a misericordia; & com especialidade nos Principes; 7. esta virtude, augmenta os quilates da estimaçãõ: 8. com ella resplandecẽrão as obras de El-Rey D. Joãõ o Primeiro, favorecendo os mesmos que o impugnão; 9. & as do Senhor Princi-<sup>[63]</sup>pe Eleitor Felipe Wilhelmo, dispensando no rigor de muitas leys, ainda contra os foros da Magestade; 10. a qual, despida da clemencia, he diamante bruto, que pòde ferir como pedra, & não brilhar como diamante.

2 Os espiritos generosos obrão de maneira, que não perdem o nome, faltandolhes a vida. 11. Os Heroes desprezão os perigos, para se immortalizarem na memoria das gentes: 12. viver para morrer, he de todos; mas viver para nunca acabar, he de Principes, a quem a nobreza do espirito anima a excederem os termos da natureza, nas vozes da fama com que ficãõ *memoraveis*: qual outro Rey D. Joãõ o Primeiro chamado *o da boa memoria*,<sup>[64]</sup> pelas heroicas acçoẽs de sua vida; as quaes, o perpetuãrão como Feniz nas cinzas, em que todos se resolvem como homẽs.

Senhor, a ambição de fama, he virtude, & não vicio; he bem commum, ainda que seja gloria particular. 13. Debilitarsehião as forças, se não vissem *memoraveis* as proezas dos homens. 14. E por obrigaçãõ incumbe a V. R. A. obrar para nunca morrer, por descendente de Reys tão perpetuados na memoria dos vassallos, pela

bondade de seu governo; & na de todo o mundo, pelos progressos de suas armas: & perderà a estimaçã de seu descendente o Principe, cuja vida não servir de norte, que mostre o caminho, por onde todos podem navegar com bonança.

[65]

3 Todo o excesso he nocivo, ou inutil: 15. inutil, para a conservaçã; 16. & nocivo, para a consciencia, 17. por ser pregaõ da intemperança, 18. & primogenito da vangloria. 19. *Moderado* nos premios, 20. nos castigos, 21. & na propria Magestade, 22. he todo o Principe, que fugindo aos extremos, se regula pela theorica, com que o Artifice se livra dos excessos, que lhe podem desautorizar a obra, organizando com medida as correspondencias do corpo, a que deseja dar elegante fórma, & natural viveza; porque fazendo o contrario, ficaria a cabeça alhea de tal corpo, & este necessitando de outra cabeça.

Senhor, a immoderaçã de El-<sup>[66]</sup> Rey D. Sancho Capello, & de El-Rey D. Fernando he documento, para coarctar as superfluidades, em que os Principes descifraõ o abono de sua magnificencia, dandolhe a conhecer, que a *moderaçã* dos Principes, he como a producçã do Sol, que enriquece a todo o mundo, & faz estimada a virtude de suas influencias, naõ favorecendo só a hum Reyno, nem empenhando no gyro de seu Imperio toda a actividade de sua potencia.

[67]

## N

- 1 *Noticioso,*
- 2 *Necessario,*
- 3 *E Nacional.*

<sup>1</sup> **N**Aõ voaõ as Aves sem azas, nem o juizo sem noticias; 1. estas, são as azas de que se val o discurso, na falta das experiencias. 2. Os livros são as fontes, por onde se cõmunica o Oceano de sua multidãõ: & o Principe, que naõ bebeo nestas agoas, foi como o Piloto



costumado a navegar junto à terra, que perde o rumo vendo-se engolfado.

As noticias alcanção-se pela li-<sup>[68]</sup>ção, ou pelas intelligencias politicas: estas experimētaraõ algũs Principes, mais esponjas, do que fontes; & todos acharãõ na lição guia para seus discursos; 3. porque fallaõ sem lisonja, ensinaõ sem interesse, & em huma só folha offerecem os frutos que não poderaõ colher as mãos de muitos Heroes: sendo os livros mappas, que debuxaõ em breve espaço, o que se não pòde comprehender em toda a vida.

Senhor, a lição dos livros concernentes ao bom governo, & sem nimia applicação que estorve o despacho dos negocios, 4. como della usavaõ os Reys D. Diniz, D. Duarte, D. Affonso o Quinto, & D. Joaõ o Segundo, he voz de Deos, 5. pelas virtudes que ensinaõ, & pelos vicios<sup>[69]</sup> que reprimem; & quem não perceber a voz, mal entenderà a palavra.

2 *Necessario*, & não superfluo, deve ser o Principe em sua assistencia. A facilidade diminue a estimação; 6. & o respeito a augmenta. A presença dos Principes deve imitar a assistencia do Sol, que repartindo as importâncias de seus influxos pela diversidade dos tempos de que se compoem o anno, hũs mezes se avezinha, outros se aparta; hũs se humana, & outros se entroniza.

O ser Principe de hum Reyno, val o mesmo que ser Pay de hũa Familia; 7. & o pay facilitando-se no trato, que respeito pòde influir nos filhos? A terra assiste com a substancia, em quanto não sazona os frutos; mas depois reconcentra a virtude,<sup>[70]</sup> com que faz mais fertil sua producção.

Senhor, a facilidade com que os Reys antigos de Portugal se deixavaõ communicar dos vassallos, principalmente El-Rey D. Pedro o Justicoso, 8. não desmerecia de sua Magestade, nem occasionava desprezos ao seu culto; porque as vezes que o acompanhavãõ festival, eraõ menos das que o experimentavaõ severo; & he regra observada na arte de pintura, usar as sombras para realças os claros.

3 Obediente aos influxos dos climas, produz a terra a substancia dos frutos. *Nacional*, & não estranho aos costumes da Nação, se ha de

mostrar o Principe, natural de seu Reyno. 9. Os manjares em não <sup>[71]</sup> sendo accõmodados com o natural das compeições, enfastiaõ, & causaõ enfermidades: Da mesma sorte succede na introducção de costumes novos, na reprovação dos inveterados, 10. que se criãrãõ cõ a Nação, pelos quaes se distingue, & singulariza dos mais Reynos, sem encontrar a decencia, & honestidade Catholica, observancia civil, & gravidade *Nacional*: a estes sustentãrãõ os Reys Lusitanos, & com mais cuidado D. Pedro o Justicoso, D. Affonso o Quinto, D. Joaõ o Segundo, & o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto, assim em o natural da fraze, como no molde dos vestidos. 11. Os costumes decentes, adulterados de hum Principe noveleiro, ameaçaõ a Republica com a mesma morte que <sup>[72]</sup> padece a Vibora no parto de seus filhos, os quaes lhe rasgaõ as entranhas, como desprezando a habitação que lhes deu o ser.\*

V. R. A. observe os inveterados trages, & costumes, a cujos peitos se nutrirãõ seus vassallos; & desterre os abusos introduzidos na estimação de algũs Principes, que galanteando o corpo, afeãrãõ o espirito, 12. que venerãrãõ por entẽdido ao malicioso, 13. por limpeza a superfluidade, 14. por entretenido ao vicioso, 15. por experimentado ao envelhecido, 16. & por magnificencia de Senhor, a dominação do criado: 17. para se livrar da ignorancia, que obriga a muitos a porem luzes diante dos cegos, a practicarem com surdos, & a se aconselharem com ignorantes. 18. <sup>[73]</sup>

## O

- 1 *Occupado,*
- 2 *Orgulhoso,*
- 3 *E Ouvinte.*

<sup>1</sup> **M**Ayor danno recebe o edificio, da ociosidade do Artifice, que da preguiça do official: Da mesma sorte o experimentaõ os Reynos no ocio dos Principes, que no luxo dos vassallos. 1. A corrupção das aguas, não procede das fontes correrem com menos

abundancia, procede sim, do amortecido influxo com que o mar as fomenta.

Entorpece as forças, abate a <sup>[74]</sup> Magestade, & escurece a fama, hum Principe ocioso; porque a falta do exercicio lhe diminue a memoria, retarda os despachos, desanima a virtude, & favorece os vicios: 2. effeitos tudo do ocio de hum Principe, a quem a Magestade descuida; devendo ser despertador, que nas horas do descanso lhe lembre os encargos da soberania.

Senhor, os Serenissimos Reys de Portugal, assim desprezàrão a ociosidade, que vivendo em pacifica paz El-Rey D. Sancho o Primeiro, D. Affonso o Segundo, & D. Joaõ o Primeiro, não soffrendo seus bellicosos animos o viverem ociosos, buscàrão entre os Mouros novas conquistas. 3. He obrigação das Magestades emprenderem acções glo- <sup>[75]</sup> riosas, onde occupem as forças, & authorizem os Reynos: 4. & o animo de V. R. A. não he dirivado de Narciso, que se vio retratado nas aguas ociosas, & lisongeiras; he descendente de Marte, & por esta rezaõ obrigado a se dar a conhecer na disciplina militar, cujas aguas correm furiosas, & turbas.

2 Não excederia em suas obras a natureza à pintura, se a imagem que esta pinta, igualàra na viveza ao original, que retrata. O *Orgulhoso* do animo procede da viveza do espirito; & o de hum Principe, que deseja augmentarse na estimaçaõ, ha de singularizarse na esperteza: 5. porque a prata sendo metal precioso, não ficàra sobredourada, se lhe faltàra o azougue cõ que a dispoem o Artifice.

[76]

Todos desprezariaõ os perigos do mar, se não fora turbulento; como tambem a voracidade do fogo, se nunca o vissem ateadado. O animo *Orgulhoso* do Principe he originado da altiveza, com que prèza a Magestade: 6. com elle se faz temido, quando não excede ao que pòde, nem atropella o que deve; 7. quando o patrocina a rezaõ, & o move a utilidade commua. 8. O mar, sendo manancial das aguas, altera seus augmentos, obediente aos influxos da Lua; & o fogo, Principe dos elementos, intensa a chamma, medido pela qualidade da materia.

Senhor, o *Orgulhoso* animo de El-Rey D. Joaõ o Segundo, o fez taõ respeitado do Christianissimo Rey de França Carlos Oitavo, que <sup>[77]</sup> tendo-o da sua parte, dizia este, o não intimidava a potencia dos mais: 9. o mesmo motivo obrigou aos Hespanhoes rebelados contra o Emperador Carlos Quinto, a offerecerem a El-Rey D. Manoel os Reynos de Castella, Leaõ, & Toledo: 10. accomodando-se o *orgulho* dos Principes com a valia das pedras, que são mais, ou menos buscadas, conforme a mayor, ou menor estimação que se lhe dà no mundo.

3 Os ouvidos são as portas, que sempre devem ter abertas os Principes a todo o genero de requerentes. Ouvir, & não fallar, he de quem deseja saber; & a necessidade que os Principes tem da applicação deste estudo, lhe augmenta o numero dos ministros, multiplican- <sup>[78]</sup> dolhe nelles as potencias de ver, & ouvir: 11. porque os Principes, qual outro mar, enriquecem o centro com a vazante dos rios, que dividiraõ em braços.

A palavra de Deos conforta, & enriquece a todos os que a ouvem, 12. dispondo-os para os acertos, 13. & sequito da verdade. 14. Iguaes interesses recebem as operações politicas da audiencia dos subditos. 15. Resolver o pleito sem ouvir as partes, he rasgar a veyra sem tomar primeiro o pulso; tão perigoso à conservação da saude, como fallivel em communicar o remedio.

Applique-se V. R. A. a *Ouvir* a todos, & a não responder a tudo: ouça mais, & falle menos: 16. porque as aves intimidã-se com as vo- <sup>[79]</sup> zes da Aguia, porque a ouvem poucas vezes. 17. Ouça sem paixãõ, nem affecto, 18. não se levando das primeiras informações; porque sendo poucas as vezes que El-Rey D. Pedro assentio a ellas, lhe deslustrou a justiça. 19. Não despreze a verdade, pela ouvir da boca de hum vicioso, ou desprezivel; 20. porque as abelhas tiraõ o mel da Rosa, sem embargo dos espinhos: & serà contado entre os nescios aquelle, que desestimar a téla, pela ver envolta em hum panno grosseiro. <sup>[80]</sup>

# P

- 1 *Parco,*
- 2 *Proveitoso,*
- 3 *E Pacato.*

<sup>1</sup> **P** *Arco* entre abundancias, & regalos, he virtude, em que se haõ de exercitar os Principes, para conservarem o juizo, 1. & reputaçãõ: 2. o vestido, & o sustento, hãõ de ser medidos com o estado, & necessidade da pessoa; 3. donde no Principe, naõ se reprova a opulencia, mas si o luxo; naõ o que se concede ao util, só o que satisfaz ao delicioso. 4. Da Rosa carecer de espinhos na raiz, que lhe serve de <sup>[81]</sup> boca, notáraõ algũs a semrezaõ de se coroar Rainha. 5.

Senhor, a parsimonia he mãy da saude, 6. & alimento do espirito; 7. & a voracidade, origem de todos os males, porque fonte de vicios. 8. A diversidade de manjares cria variedade de estímulos contra a liberdade das potencias. 9. Os timoratos comem para viver; & os dissolutos, vivem para comer. 10. Nenhum dos Ascendentes, & Progenitores de V. R. A. entrou na multidaõ dos que ignoráraõ os lucros da temperança; 11. todos se enriquecèraõ com elles, 12. seguindo a theorica de El-Rey D. Joaõ O Primeiro, em cujo Palacio superabundava o necessario, & se prohibia o superfluo; 13. porque só o insensivel <sup>[82]</sup> perde, qual outra tocha, a luz que o acredita, com a sobejidãõ da cera que o gasta.

2 *Proveitosos* em todo o movimento de seu curso saõ os Planetas, para a conservaçaõ do Orbe: elles o dominaõ, & por dominantes obrigados a enriquecerem-no. As operações de hum Principe inuteis ao Reyno, naõ he occupaçaõ, he ociosidade; naõ he zelo, he desatençaõ; 14. porque lhe falta o util a que se dirigem os empenhos; principalmente os de hum Principe, que semelhante ao mar, naõ deve despedir onda, que naõ seja a fim de lucrar na ressaca, mais do que gastou na conquista.

Senhor, o Principe que for inutil para os subditos, não pòde ser pro-<sup>[83]</sup>veitoso para si. 15. Buscar a utilidade, não encontra a magnificencia; 16. sim, quando he indecorosa, & injusta: 17. que nos mais termos, o proveito commum precede a todo o privilegio particular. 18. Dispenda como Rey, & negocee como procurador, que o não he menos do lucro de seus vassallos, do que Senhor das suas vidas, & fazendas. Assim como ha de ter inclinação para dispender, tenha tambem astucia para adquirir: como os Reys D. Pedro o Justicoso, D. Joaõ o Segundo, & o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto: 19. porque o Sol creador das minas, cõ o mesmo calor com que gèra o ouro, atrahe a si os vapores da terra.

3 *Pacato* em ouvir, & orgulhoso em resolver, são attributos de hum<sup>[84]</sup> animo Real, semelhante à terra exposta às inclemencias do anno, por não faltar a seu tempo com os frutos. Se a terra com qualquer chuva se vestira, & o mar com qualquer vento se inquietàra, esvaecèra-se o cuidado da terra com os ardores do Sol; & fizera-se innavegavel o mar, alterando-se com toda a differença de ventos.

Na *pacacidade* com que os Principes se portaõ nos successos, abonão os quilates de sua generosidade, 20. & prometem duraçãõ, & vigor em suas determinaçoẽs; porque mais se perpetua o fogo no lenho, a que se ateou vagaroso, do que na polvora, em que pegou repentino: & não são duraveis, nem perigosos os terremotos, procedidos do ar que a<sup>[85]</sup> terra reteve breves horas, senão daquelle, que entranhou por largos annos.

Senhor, a *pacacidade* do animo, são esporas da prudencia, conforto do valor, exame da justiça, arrimo dos acertos, & desafogo do irascivel. 21. Se o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto assentira aos primeiros avisos que os grandes de seu Reyno o chamavaõ para o devido trono, não fora taõ bem sortida sua gloriosa acclamaçãõ. A falta de pacacidade nos animos, he o mesmo que a limitaçaõ de fundo nos rios, que esprayando-se com qualquer enchente de aguas, arruinaõ mais do que aproveitaõ.

[86]

# Q

- 1 *Quieto,*
- 2 *bem Quisto,*
- 3 *E Quotidiano.*

**1** **D**E todos os elementos, o mais util na actividade, & orgulho, he a terra; porque só a fim de que as creaturas vivaõ pacificas com a abundancia de seus frutos, empenha as forças. Estimado serà igualmente entre os Monarcas aquelle Principe, cuja industria, & trabalho se encaminhe à paz, & quietação de seu Reyno. 1. Nenhum contagio he mais pernicioso à Republica, como a divisaõ das <sup>[87]</sup> vontades; & nenhuma felicidade taõ proveitosa como a união dellas; 2. porque mal pòde descançar a cabeça, inquietos os humores.

Os victoriosos desejaõ a paz, 3. reconhecendo por mais segura a quietação duravel, que a batalha contingente; 4. porque nesta arrisção em huma só hora a reputação que ganhàraõ em muitos annos. 5. O tempo da guerra, he destruição das leys, 6. & por esta causa disseraõ, que com o lume da paz se alumiaava a Igreja. 7. Pelo que, o Principe *Quieto* he o mais amante, & amado de Deos; 8. porque na quietação das aguas se retrata ao vivo a imagem do Sol.

V. R. A. fomenta os desenhos de sua politica, a conservar seu povo <sup>[88]</sup> quieto, & sossegado: não confiando tanto da paz, que deixe de preparar-se para a guerra, 9. circunspecção observada de El-Rey D. Joaõ o Primeiro, continuando em seus presidios o exercicio militar, quando mais pacifico com Hespanha; 10. ponderando ser cõ desigualdade utilissima ao Principe a peleja, o une cõ Deos, do a paz, que o desvia: 11. esta, he a confederação com os vicios; aquella, a guerra contra elles: 12. & não seria pequena desgraça a do fisico, que empenhado na saude alhea, se descuida da propria.

2 *Bem Quisto* entre os vassallos deve viver o Principe, com reputação taõ vigorosa em todos os actos de sua presidencia, como o ouro em todas as obras donde apparece A <sup>[89]</sup> opiniaõ commua tem

forças de ley: 13. & a rudeza do povo, mais se governa pela opiniaõ, que pela realidade: 14. esta, aproveita entre os domesticos; & aquella, para com todos. 15. A reputaçãõ augmenta o dominio dos Principes; 16. rezãõ, por onde intimida mais que a verdade. 17. As garras do Leão, conforme a opiniaõ do vulgo, não tem resistencia; mas examinadas na peleja, muitos lhas cortãõ.

V. R. A. não encarregue a consciencia para se bemquistar com o povo; 18. porque muitos se perdẽrãõ por este caminho; hum delles, foi o governo del-Rey D. Fernando, que para agencear vontades, gastou desordenadamente os thesouros. 20. Perde com os bens a <sup>[90]</sup> alma, que faz esmolos, & não satisfaz as dividas.

3 *Quotidiano* o Principe no exercicio das virtudes, descobre o natural que as incita, & desvanece a cavilação, com que as podia contrafazer. 21. Não luz em todo o tempo o ferro, sómente quando trabalha tem lustre, não o tem por natureza, causa, por onde não he *quotidiano*.

V. R. A. prèze sempre a imitação de seus Ascendentes, El-Rey D. Pedro o Justicoso, 22. & outros muitos *quotidianos* em darem a conhecer todos os dias, em todos os actos de religiaõ, justiça, piedade, magnificencia, & amor, o precioso, & nativo de seu zelo, & magnanimidade: como o Sol, que nem fal- <sup>[91]</sup> ta, nem espera que o obriguem a formar os dias; porque os actos da Magestade interpolados com os do luxo sãõ frutos lezos entre os perfectos, que maculaõ a especie, & defraudãõ o tronco.

# R

- 1 *Reformado,*
- 2 *Reportado,*
- 3 *E Reverente.*

<sup>1</sup> **A**S Aguias para ensinarem a voar os filhos, primeiro os incitãõ com o proprio voo: não ha ensino sem exemplo; nem *reforma*



nos vassallos, faltando esta nos Principes: 1. o exemplo <sup>[92]</sup> do Monarca, excede a todo o vigor da ley: 2. se a reformação dos vicios dependèra só dos ameaços da morte, já não haveria no mundo criminosos: 3. a falta do exemplo nos reformadores, faz com que os vassallos tenhaõ o rigor da ley na conta, que os mareantes tem os baxos do mar, que não achaõ advertidos na Carta que lhos mostra, os quaes observam sem novidade, por nas primeiras aguas desfazem o cumulo, & franqueam a viagem.

Senhor, os vassallos nas reformas, usam o mesmo que os Mathematicos em suas observaões; os quaes não só calculam a natureza, & aspecto do Planeta que domina, senão tambem a conformidade, ou desuniam da dignidade, que o acom- <sup>[93]</sup> panha: assim na Real pessoa, como na de seus domesticos, ha de apparecer o exemplo, para desvanecer as confianças, & coarctar as murmuraões do povo. 4. Nam se valiam da grandeza, nem esperavam da piedade os dissolutos, em tempo de El-Rey D. Diniz, & D. Pedro o Justicoso, porque viam nos Principes o exemplo, & nos domesticos delinquentes o castigo: 5. & se a opiniam dos Principes se regula pelos procedimentos dos vassallos; mal podem os medicos evitar as difluxões da cabeça, sem primeiro temperar as cruexas do estomago.

2 *Reportado* nas palavras, he o Principe magestoso nas obras. 6. A lingua não ha de falsear o entendimento, 7. nem exceder as forças; 8. <sup>[94]</sup> não deve adiantarse ao braço, porque deslustra o poder na falta da promessa; 9. nem ha de exagerar o que intenta, nem o que obra. 10. As palavras haõ-se de pezar, primeiro que se pronunciem, 11. & considerarem-se de espaço, as que se hão de dizer em breve tempo; 12. porque proferida a palavra, não retrocede airoso; 13. & com mayor discredito a dos Principes, que semelhante às garras da Aguia, perdem a generosidade, quando não sustentão o pezo.

Senhor, fallar ainda que verdade, diante de quẽ lhe não val o negocio, não he preciso, nem he seguro: 14. não he preciso, porque lhe não importa: não he seguro, porque o pòde revelar: & se as palavras declaraõ o animo, 15. o dos Principes <sup>[95]</sup> goza a veneração pelo que suppoem de mysterio. 16. Ha occasiaõ em que o não fallar,

he eloquencia; & tempo, em o fallar pouco he loquacidade; & nenhum, em que o dizer tudo seja conveniente: 17. sentença, em que El-Rey D. Joaõ o Primeiro, & o Senhor Rey D. Joaõ o Quarto fundàraõ as felicidades de suas emprezas; 18. porque as de hũ Principe (semelhantes ao tiro da peça) formão o estrondo, depois que empregã a bala.

3 Igualmente ornou Deos o firmamento do Ceo, que o de sua Igreja: no do Ceo collocou o Sol, que presidisse ao dia, & a Lua à noite: no de sua Igreja constituõ ao Summo Pontifice, Sol, que governasse a luz do espirito; & ao Principe Ca-<sup>[96]</sup> tholico, Lua, que regesse as sombras do governo temporal. 19. A Lua, recebe do Sol a claridade; & o Principe, da mão do Summo Pontifice os poderes: 20. este, como Vigario de Christo, he Senhor de huma, & outra espada: da Ecclesiastica, com izenção; & da secular, com respeito, porque dimitio de si o uso della, 21. para em tudo se mostrar piedoso, & sobre todos eminente: em tudo Sol, que cõmetendo a Jupiter a expedição dos rayos, reservou para si o dominio sobre a jurisdição de Jupiter.

V. R. A. humilhe seu poder a taõ alta dignidade, para não experimentar os golpes, que a espada de S. Pedro descarregou sobre este Reyno nos tempos de El-Rey D. Sancho o <sup>[97]</sup> Capello, & D. Affonso o Terceiro presumidos, de que a sua espada podia resistir aos golpes Põtificios: 22. que sempre os Principes nestes casos, quaes outras Aguias, aspirando a transcender a propria esfera, consomem as azas no fogo, & nelle abração o espirito.

Dos Ecclesiasticos faça V. R. A. a reverencia, com que sempre os prezàraõ quasi todos seus Ascendentes, como deve hum Principe Catholico, 23. reverente aos respeitos consagrados à familia de Deos: 24. que se El-Rey D. Pedro o Justiçoso sentio tanto descomporemlhe hum Porteiro, que mandou tirar a vida ao delinquente; 25. os ministros de Deos não tem menos authoridade, que os officiaes dos Principes: nem <sup>[98]</sup> Deos zela menos a reverencia de seus familiares, que os Principes o respeito de seus ministros. 26. Senhor, as semrezoës, que os familiares de El-Rey D. Sancho o Capello usàraõ

com os Ecclesiasticos, tiveraõ por castigo o miseravel estado em que se poz este Reyno, & a que chegou aquelle Principe. 27. Mostra que não respeita o Juiz, quem lhe agrava a familia, que devia tomar por adherencia.

Reverente a seus progenitores he aquelle filho, que deseja a benção, & não a maldição de Deos: & os Principes com dobrados respeitos; porque muitos vassallos não devem a estimação, a quem lhe deu o ser: & os Principes devem a seus Progenitores o Ser, a Alteza, & a <sup>[99]</sup> Coroa: & quanto mayor he a herança, tanto deve ser mayor a gratificação no herdeiro. Muitos saõ os Principes Lusitanos, de quem V. R. A. pòde aprender o desempenho de tão grande divida: entre todos lhe servirãõ de exemplo os Reys Dom Sancho o Primeiro, & D. João o Segundo, quando Principes já adultos; temião como vassallos, & amavão como obedientes filhos a seus Reaes Progenitores. 28. Os garfos desprezando a natureza que recebêrão das arvores, melhorão muitas vezes o ser; mas nunca os das arvores Reaes, porque sempre degenerão de sua Real Ascendencia.

[100]

## S

- 1 *Sabio,*
- 2 *Sofrido,*
- 3 *E Secreto.*

<sup>1</sup> **D**Os graos do sabor, recebem as iguarias o da estimação: como tambem da mayor, ou menor sabedoria dos Principes, o mayor, ou menor valor da purpura: sem ella, nenhum Cetro pòde luzir no trono, 1. pelos enganos a que vive sogeita a insciencia: 2. nem a Republica socegada, pelas dissenções que causa nas potencias a falta do juizo que as governa. 3. A luz da sabedoria não resplandece <sup>[101]</sup> sem as noticias das sciencias: as importantes ao governo servem às Altezas, que as cultivão quando Principes, da mesma utilidade, que o

provimento dos celeiros, a quem os prepara para o anno da fome, que se livra de necessitar do alheyo, porque anticipou o remedio. 4.

Hum Principe *Sabio* he Piloto experto, que navega com todo o vento. 5. Na prosperidade os nescios correm praça de entendidos; & os humildes gozão os foros de illustres: mas na fortuna adversa, todos perdem a estimação, porém nunca o *Sabio* a precedencia, 6. porque em toda a parte domina. 7. As sciencias saõ o Piloto do bom governo: não o ignorarão os Reys D. Diniz, D. Duarte, D. Affonso o Quinto, D. [102] Joaõ o Segundo, & D. Manoel; 8. & mal poderà governar o lème, quem nunca aprendeo a nautica.

V. R. A. applique-se às sciencias, em que occuparão o tempo os Infantes D. Pedro irmão de El-Rey D. Duarte, D. Henrique, & D. Luis irmão de El-Rey D. Joaõ o Terceiro, & o Principe D. Theodosio. 9. Ao mesmo ouro, he Principe dos metaes, ornaõ os esmaltes, symbolo das sciencias. 10. Se V. R. A. for *Sabio*, estimarà os *Sabios*, como El-Rey D. Joaõ o Primeiro, D. Duarte, D. Affonso o Quinto, D. Manoel, & D. Sebastião. 11. Sómente os que não tem vista aborrecem a luz; ou porque lhes agrava a cegueira, ou porque nascèrão para nunca melhorarem de vista.

[103]

2 Mostra o mar o dilatado bojo de seu elemento, em receber as enchentes, & não passar os limites. O sofrimento, he especie de fortaleza, 12. & esperas da prudencia, para a seu tempo punir as culpas. 13. O mayor perigo dos males, he não poder o afflicto soportalos. 14. A impaciencia deslustra o poder, 15. porque o destitue da mayor gloria, que he o sofrimento em que pòde vingar o agravo. 16. Tratar bem aos bons, he correspondencia; & ser bom para os que saõ mãos, he virtude regia, porque a mais perfeita, 17. quãdo não prejudica ao bem commum. 18. A nobreza da Magestade, he opposta à vilania do ferro, que se abraza em todo o fogo, & corresponde com faiscas a todo o golpe.

[104]

V. R. A. agradeça a Deos as molestias, como beneficios; 19. porque tantas settas entranharà em seus contrarios, quantos os

louvores que por ellas der ao Altissimo. 20. Com os dissabores se lembraõ os Principes de que são mortaes, & gozão as honras do mundo com os descontos, que nelle tem os predestinados. 21. A constancia, com que El-Rey D. Sancho o Primeiro soportou as calamidades, lhe apurou a paciencia; 22. & aos Infantes D. Fernando, & D. Duarte, beatificou as vidas. 23. Os espinhos com que vive a Rosa, lhe intensaõ a fragrancia, & avivaõ a purpura. 24.

3 Ouvir para revelar, he enternecimento de quem practica, & não capacidade de quem governa; 25. <sup>[105]</sup> que deve ser semelhante à Abelha, a qual cõmunica em segredo a substancia, que colheo das flores. V. R. A. ouça, & observe; communique, sem declarar quem lhe deu a noticia, para facilitar o zeloso, & não acautelar o inconfidente: ponderando, que o mar no segredo dos influxos com que move as aguas mostra formidavel o governo de suas ondas.

[106]

## T

- 1 *Tratavel,*
- 2 *Timorato,*
- 3 *E Temido.*

<sup>1</sup> **D**E pouca, ou nenhuma utilidade seria para o mundo a producção das fontes, se fora intratavel a fluxaõ de sua corrente: Da mesma sorte a publicidade dos Principes, que pela izenção do trato fazem inutil o prestimo de seu talento. 1. A vida solitaria, he profissão dos que renuncião o mundo, & não dos que o governaõ. Esconde-se o Sol quando desampara o Orizante, & deixa-se aplaudir quando lhe preside.

[107]

V. R. A. trate com aquelles que o podem aconselhar, & servir, 2. não se inclinando a inuteis, & facinorosos, para livrarse da opinião commua, que regula os procedimentos da pessoa pelos da companhia: devida as classes de seu valimento, pela qualidade, & prestimo dos

que lhe assistem; como fizeraõ os Reys D. Sancho o Primeiro, D. Duarte, D. Manoel, & o Senhor Rey D. João o Quarto: que se a presença do Sol se deixàra igualmente comprehender dos rusticos, que dos sabios, não fora estimada a sciencia de seus contemplativos.

2 O navio, em toda a parte aonde lhe falta a ancora, se vê em perigo: como tambem a consciencia, perdendo o temor de Deos, 3. an-<sup>[108]</sup> cora 4. com que a embarcação da vida persiste na virtude do conhecimento proprio, sem o qual, fluctûa nas inundações do esquecimento, seguindo a corrente da vaidade. 5. Teme a Deos, quem o ama: 6. & o caminho da virtude, principia pelo do temor: 7. & se a dignidade tâto ha de opprimir no intrinseco, quanto domina no externo; 8. considerem os Principes, o quanto devem temer, para chegarem a amar. Não se qualifica o amor dos homẽs para com Deos nos effeitos, por onde o mundo julga o amor dos homens para com o mundo: para com este, os que mais o amão, são os que menos o temem; & para com Deos, os que mais o temem, são os que mais o amaõ.

[109]

Para V. R. A. temer a Deos como deve, ha primeiro de conhecer o quanto deve a Deos: 9. Este, o creou Catholico, descendente dos mayores Monarcas, & defensores da Igreja, que teve, & tem o mundo: Filho das Magestades mais religiosas, illustres, Prudentes, & caritativas: Deos o creou Principe, para depois o coroar Rey de huma Nação a mais orthodoxa, 10. invencivel, & verdadeira: a mais nobre, & leal a seus Principes: prometendo-lhe a posse deste Reyno, a quem o mesmo Redemptor do mundo escolheo para seu Imperio. O reconhecimento destas dividas pede hum filial amor, como tinha a Deos El-Rey D. Affonso Henriques, o qual repetidas vezes dizia: *Temo perder* <sup>[110]</sup> *por hum peccado a mercê que Deos me fez, & a meus Descendentes.* 11. Por huma falha, desmerece o diamante mais, do que a prata com muita liga; o dobrado empenho cõ que o creou o Sol, & o estimarãõ os homẽs, lhe dobra a desestimação, à vista do precioso.

3 *Temido* de todos, he o rayo: mas com irracional modo intimida a todos; porque mais esmorece ao justo, que ao peccador. O rayo, não he Principe, he vassallo da região do fogo; causa da imprudencia com influe nos temores, a quẽ devia exceptuar nos ameaços. O Imperio não se experimenta na obediencia dos subditos, 12. sim na distribuição do poder. 13. Atemorizar aos justificados, he de quem os <sup>[111]</sup> não distingue dos criminosos: imprudente respeito, o de algũs Principes, que usáráõ da Magestade, como se fora contagio, & não remedio: 14. este, defende a quem o abraça, & não repara a quem o desestima; o que não faz o contagio, porque mata aos que lhe assistem, & perdoa aos que lhe fogem.

V. R. A. de tal sorte se faça *Temido* dos vassallos, que o não temão pelo que pòde, sim pelo que merece. 15. O poder, & o merecimento dos Principes differem, em que este atrahẽ, & aquelle violenta: este dominio he tirannico, o outro Paternal: & todo o Rey Lusitano, que se nega a Pay dos subditos, desmerece o soberano titulo de seu Rey natural. Porque ainda do Sol, que <sup>[112]</sup> sempre he o mesmo, disserãõ algũs, que não era o proprio creador das flores o Sol que as murcha, senão o que as vivifica.

## V

- 1 *Virtuoso,*
- 2 *Vigilante,*
- 3 *E Veneravel.*

1 **S**Aõ as virtudes do Principe, todo o valor, 1. & gala da sua Purpura: 2. do seu mayor estudo deve resultar o conhecimento, de que o seu credito pende de sua virtude. 3. Impropriamente se intitula Rey, o que vive mal: 4. não pòde governar com acerto, <sup>[113]</sup> quem não vive reformado; 6. para cõ o vigor de seu exẽplo reprima a soltura de seus vassallos. Disgraçado o Reyno, onde o Principe for distrahido; & bem afortunado, o o possuir *Virtuoso*: 7. como o Sol

eclipsado, he todo o Principe mal procedido, porque diminuto nos resplandores, & nocivo nos influxos.

V. R. A. lembre-se que duas cousas se esperão de hum Principe perfeito; & vem a ser: virtude na vida, & esforço nas armas: 8. com a virtude se compra o poder; 9. & com a immodestia a froxidão. 10. A que potencias não amortecem os vicios? E a quaes não avivaõ as virtudes? 11. O cilicio, & disciplinas, que se achãraõ a El-Rey D. João o Segun-<sup>[114]</sup> do depois de sua morte, 12. foraõ os clarins de sua fama, porque havião sido a protecção de seus exercitos. Prevalece o Carbunculo a todas as mais pedras preciosas que se lhe oppoem, com a mayoridade da luz que o clarifica: o excesso da virtude o faz prevalecer ao valor dos competidores.

2 A serenidade do mar, não escusa ao Piloto do cuidado do leme: a inconstancia das aguas, & a variedade dos ventos, não lhe admitem descuido na obrigação do officio. Embarcação exposta a iguaes contrastes, he a conservação de hum Reyno: 13. este, não pede menos vigilancia a quem o governa, do que a embarcaçãõ, a quem a encaminha: cresce a tempestade dos cuidados,<sup>[115]</sup> conforme a extensaõ do Senhorio. 14. O Leão não fecha os olhos quãdo dorme, cerrando-os animaes todos quando descansaõ; he Rey de todos o Leão, & por esta causa abre os olhos, quando os demais os fechaõ.

Senhor, a vigilancia em todos, he disposiçaõ da alma, com que esta domina os sentidos, & as virtudes externas. 15. Acrescem aos Principes mayores obrigações, que aos vassallos, para segurarem a consciência. 16. Nenhum dos animaes corre em hum dia mais terra que o Leão: 17. nenhuma das Aves penetra tanto o elemento do ar, como a Aguia: esta, em aquietando do voo, & o Leão em socegando do curso, desbastão em huma só hora<sup>[116]</sup> a preza, que nenhum de seus vassallos consume em todo o dia. 18. Visitar as terras de seu Reyno, & acelerar a expedição dos pleitos, saõ o demonstrativo da vigilancia dos Principes. O cuidado com que El-Rey D. Pedro o Justioso expedia os despachos, fazia abreviar as sentenças, & executalas, 19. foi a mayor sentinella, que podiaõ ter os vassallos na guarda das suas fazendas, & os Ministros, na inteireza da justiça. A visita que o



mesmo Rey. D. Pedro o Primeiro, & outros mais fizeraõ à demarcação de sua Coroa, os advertio na *Vigilancia* de seu governo, dandolhe presencial conhecimento do remedio, de que necessitava. Curar por informações, he expor a virtude das medicinas aos <sup>[117]</sup> erros dos informantes.

3 Na gravidade, & valentia do gesto, com que o Artifice compoem a imagem, lhe infunde o respeito. O retrato de hum Principe, não se inculca sómente pela eminencia da Coroa, tambem se dà a conhecer pela soberania da Magestade. 20. O *Veneravel* aspecto, & decente gravidade andão anexos às mayores virtudes: 21. ou para se inculcarem regias, ou para se divizarem soberanas: De pouco importa a fidalguia do lenho para os agrados da vontade, se desmerece pelo feitio, o que outro mais inferior avulta pela imagem.

V. R. A. inculque a soberania no gesto, não faltando nunca ao agradável: 22. espinha-se a mão ao col- <sup>[118]</sup> her da Rosa, & recreaõse os olhos quando a vem: assim foi a presença de todos os Reys Lusitanos, para com seus vassallos: não particularizo a nenhum, porque todos, qual outra Rosa, nascêraõ ornados da purpura, & armados do respeito.

## X

*Xavier,*

- 1 *Por affecto,*
- 2 *Por imitação,*
- 3 *E Por officio.*

<sup>1</sup> **O** Caminhante previsto nos infortunios da jornada, vale-se do **O**arrimo para amparo das forças. E que jornada mais <sup>[119]</sup> perigosa que a de hum governo? nem mais distante que a do Ceo? Tutelares de hum, & outro caminho, escolheo para V. R. A. a Catholica devoção da Rainha nossa Senhora o patrocínio de muitos Santos; entre elles, o de hum *Xavier* Apostolo da India, & o de hum

*São Bento Príncipe dos Patriarcas*, parente de V. R. A. pela Augustissima Casa de Austria; 1. & o Progenitor espiritual de muitos Santos, com que se authoriza a Real Casa do Palatinado. 2. Bastavaõ estas duas columnas, que acompanhassem o nome de V. R. A. para que em todas as partes do mundo a que elle chegar, seja o *non plus ultra* da estimação: mas em tudo inspirada a providencia, que soube acumular as luzes do <sup>[120]</sup> Empireo, a quem esperamos descubra, & sogeite novas terras a seu Imperio.

A todos se aventaja na devoção da Rainha nossa Senhora a intercessão do Santo *Xavier*, a cujas novenas encomendou, & attribuiu o Fruto de nossas esperanças, em o nascimento de V. R. A.: & com superior respeito, porque era devida remuneração dos merecimentos de hum Justo, a quem augmentou os grãos da gloria, o levar a luz Evangelica à região das sombras; amparar este Reyno com o feliz parto de hum Príncipe, cujos vassallos, em conquistarem a India, abriraõ as portas, por onde este Sol introduzio as luzes.

Assim que, *Xavier por affecto*, <sup>[121]</sup> porque obrigado ao patrocínio de sua virtude, se deve V. R. A. mostrar *Xavier* na estimação de sua Familia: reconhecendo, que a devoção com os Santos, he unguento que modifica as dores d'alma, 3. & sara as do corpo: 4. como experimentou El-Rey D. Pedro o Justicoso, na que teve ao Apostolo S. Bartholomeu: 5. & desobrigará ao Santo de seu Protector, nos acertos do governo, se for esquecido da intercessão com que elle alcançou de Deos o crealo Príncipe: porque as Aguias desemparrão os filhos, que desprezão os agrados do Sol, com que ellas lhe alcançãõ da natureza o nascerem Aguias.

2 *Xavier por imitação*, que val o mesmo, que inclinado às virtudes, <sup>[122]</sup> que o constituirão Santo. Quem venera o patrocínio, ha de imitar a vida do que implora; 6. porque he mais offensa, que respeito, amar ao Santo, & não à santidade que o poz no Altar: 7. animando-o para a imitação, o conhecimento de que o *Grande Xavier* foi homẽ como todos, & que não obrou cousa impossivel à nossa natureza: 8. & se as estradas do mundo estão expostas a quem as pòde

trilhar; as veredas do Ceo, estão patentes a toda a sorte de pessoas, que as quizerem seguir.

3 *Xavier por officio*, esperamos em Deos seja V. R. A. nos effectos. O officio que este *Inclito Heroe* exercitou na India, foi, augmentar a este Reyno os Senhorios, & nelles a Deos o devido culto: 9. obrigação <sup>[123]</sup> propria de hum Principe Lusitano, comparado em suas forças ao empenho, com que a Lua atrahe os vapores para o triumpho do Sol, de quem recebe a luz; dispondo-os na vassalagem, a obedecerem com mais promptidão às determinações do Sol.

*Zeloso,*

- 1 *Do serviço de Deos,*
- 2 *Da observancia das Leys,*
- 3 *E Do bem commum.*

**T**Res cousas constituem a toda a planta agradavel, & proveitosa: as folhas, flores, & frutos: nellas se resumem to- <sup>[124]</sup> das as utilidades das arvores; & nestes tres generos de zelo, toda a perfeição da politica Christãa. A virtude he o lenho; o zelo em commum, as folhas; o zelo discreto, as flores; & o devoto, os frutos. 1. O zelo he producção da virtude, & muitas vezes influxo da vingança: 2. este zelo he desordenado, porque fingido: & o outro discreto, porque verdadeiro. Toda a virtude sem zelo, he arvore sem folhas, porque sem gala; o zelo indiscreto, folhas sem frutos, porque inutil; & com discrição, flores com frutos, porque virtuoso. 3.

O zelo discreto he animando da caridade, vestido da sabedoria, firmado da constancia, fervoroso, circunspecto, & invencivel: 4. este <sup>[125]</sup> zelo he Real, porque supremo: & não sendo discreto, he pernicioso, 5. porque semelhante às folhas da arvore infructifera, defendem as proprias raizes, enfraquecem as demais plantas,

succandolhe a substância da terra, com que cuidadosas de si, tratão de assombrar as mais.

O zelo discreto termina-se à utilidade das almas, que he o sacrificio mais agradável a Deos; 6. & o sustento mais gostoso aos justos. 7. E por esta razão, o fervor mais natural aos Principes; como o tem sido o dos Reys de Portugal em suas conquistas, empenhando os thesouros para augmentarem á Igreja o numero dos fieis: & o dispendio com que hoje lhe assistem, para cõservação do Christianismo. Se-<sup>[126]</sup>nhor, o zelo dos Principes que se não termina a mayor gloria de Deos, he calor desordenado, que se atèa em hum corpo, não para o sustentar, si para o consumir.

2 *Zeloso da observancia das Leys*, com o fim de castigar para emenda, & não por vingança: 8. porque o zelo que nega o perdão, não he zelo, he odio. 9. Na moderação do zelo se descobrem as entranhas da piedade: 10. que por esta causa derão alguns a El-Rey de Portugal D. Pedro o Primeiro o nome de Cru, porque não admitia o arrependimento dos culpados. 11. As Leys antes que se promulgem, devem conferirse com os preceitos Divinos, parecer dos sabios, uso das terras, & utilidade dos povos: 12. a sua<sup>[127]</sup> observancia he a alma que lhes dà vida; 13. mas não com tanto rigor, que não padeça (qual outra vida) os achaques temporaes na alteração dos humores.

3 *Zeloso do bem commum*, està V. R. A. obrigado ser mais, que da utilidade propria: esta, he todo o cuidado dos humildes; 14. & aquelle, a mayor gloria das Magestades. 15. O bem commum não tira a honesta conveniencia particular; nem esta, o deve alienar da utilidade cõmua, pelo que deve à imitação do justo, quem governa vassallos. 15. Que de Reys Lusitanos empobreceràõ os thesouros propios, para accrescentarem os cabedaes dos subditos? Não os divizo, porque a hũs a liberalidade, & à mayor parte del-<sup>[128]</sup>les o amor, esgotou a fonte para enriquecer os regatos: mas tudo conveniencias do mar, donde emanão as aguas, porque estas sempre se recolhem ao centro com mayores cabedaes, do que sahirão.

Senhor, todos nascemos orfãos de merecimentos, assim Principes, como vassallos. As riquezas que nos hão de acõpanhar a vida d'alma,

saõ as virtudes da vida: a de hum Principe, como fomenta mayores distancias, expoemse a se recolher com mayores thesouros, ou com mayores encargos. Para as aguas correrem proveitosas, usaõ os agricultores de as encaminhar por veredas, & aqueductos, em que se aproveitem, & naõ se desperdicem: o mesmo intento, com affecto de leal <sup>[129]</sup> vassallo, me animou a guiar estes primeiros annos de V. R. A. pelos caminhos consentaneos ao serviço de Deos, & utilidade do Reyno: em V. R. A. seguir as pizadas de seus Ascẽdentes, cõsiste a fertilidade de seus progressos: & confio na protecção Divina, que as esperanças de seus Reaes Progenitores se multipliquem fundadas na educação de V. R. A; para que naõ só imite, mas exceda as virtudes de seus Ascendentes, & com ellas lhe assistão os fados, que conduzem ao logro da boa fortuna.

*Spesque Patris, Matrisque auge,  
Superesque Parentum  
Vota, fluant Hermus, Lydiaque  
unda tibi.*

Jovian. Pontan. lib. 1. de amore  
Conjug.

**LAVS DEO.**

CARTA DE NOMES,  
OU

Significação dos seis nomes Reaes  
Do Serenissimo Principe de Portugal  
**D. IOAM FRANCISCO,**  
JOSEPH, ANTONIO, BENTO,  
E BERNARDO,  
Para entretenimento de sua Real Infancia,

DECIMA .

**V**

Osso nome, Senhor, he  
JOAM, por Graça  
estimado,

FRANCISCO por Signalado  
Nas Chagas Quinas da Fé:  
Sereis no Augmento hum JOSE,  
Tendo de ANTONIO o Resguardo,  
Pois he Portuguez galhardo;  
E para Reger com tento  
Saude tereis de hum BENTO,  
Tereis Valor de hum BERNARDO.

*De Fr. Antonio Lopes Cabral,  
Capellão do numero, & serviço de El-Rey N. Senhor*

# INDICE

Das Authoridades com que e exornão  
os 63. discursos deste Abecedario.

## DEDICATORIA.

\* *Et lacte implevit utrumque rato  
posuit in clypeo. Theocritus loquês  
de Alcmena Matre Herculis.  
Reptastis per scuta puer.  
Claudian. Ad Honorium Imper.*

## A

Amante.

- 1 **A**lvaro de Vera Othogr. Portug. lit. A.
- 2 *Masculus statim clamat A, plorans casum Adæ, & fæ=<sup>[134]</sup>  
mina E, plorando casum Evæ. Micha. Aguan in Psalm. 50.*
- 3 *Cor in quatuor effectibus est, quid diligas, quid metuas, unde  
gaudeas, seu contristeris. D. Bernard. de jejun. serm. 2.*
- 4 *Quomodo amor mortalis non attingit eos qui sunt adhuc  
infantes: ita etiam in divina pulchritudine qui est adhuc infans,  
& fluctuat, & in omni vento doctrinæ circumfertur. D. Gregor.  
Nissen. Homil. 1. in Cantic. Cantacor.*
- 5 *Nemo potest rectè terrena regere, nisi prius divina tractaverit.  
D. Greg. Magn. in Reg. lib. 4.*
- 6 *Difficile est ut bono peragãtur exitu, quæ malo sunt inchoata  
principio. Leo Pap. in quadam Epist.*



- 7 *O felix amor, ex quo oritur strenui=<sup>[135]</sup> tas morum, puritas intentionum, subtilitas intellectus, &c. D. Bernard. lib. de Diligend. Deo.*
- 8 *Bonus, vera via nititur, sed ignavus, quia bonæ artes desunt, dolis atque fallacijs contendit. Sallust.*
- 9 *Nam amor Dei, & proximi, sunt duæ alæ animæ 1. ad benè & sollicitè vivendum & agendum. Geminian. lib. 4. de Natatib. & Volat. cap. 55.*
- 10 *Consta de sua vida, fol. 25.*
- 11 *Qui Dei præcepta contemnit, Deū non deligit: neque enim Regem diligimus si odio ejus legem habemus. S. Isidor.*
- 12 *Reverentia est honor quem tam in verbis quàm in factis alicui exhibemus. D. Thom. 2. 2. q. 81. art. 2.*
- 13 *Espelho de Lusitanos, fol. 29.*
- [136]
- 14 *Ubi honor non est, ibi contemptus est. D. Hieron. in Epist.*
- 15 *Per amorem Dei amor proximi gignitur. D. Greg. Magn. in Homil. sup. Evang.*
- 16 *Aliorum Regum si exitus reputaveris, plures a suis, quam ab hostibus interemptos invenies. Curti. lib. 9.*
- 17 *Couto Dec. 6., Ar. 10. Ca. 5. Duarte Nunes descr. de Portug. c. 86. Mariz Dialog. 4. cap. 11.*
- 18 *Ille tutus est Rex, qui sic subditos imperat, tu parentes filijs. Agisilaus apud Pluth. in Apotheg.*
- Amado.
- 19 *Parallelos de Principes, fol. 8.*
- 20 *Vnum est Regi inexpugnabile munimentum, amor civium. Senec. de Clement.*
- [137]
- Animoso.
- 21 *Animo aliquid melius esse, eique præesse non potest. Arist. lib. 1. de Anim.*

- 22 *Socrates in mentem induxerat omnium possessionum humanarū maximè divinum esse animum. Libanius Declam. 29.*
- 23 *Corpus multis eget rebus ut valeat: animus ex se crescit, se ipsum alit. se exercet. Senec. epist. 51.*
- 24 *Magna & generosa res est animus, in quo Princeps nunquam senescit, in æternum vivit. Quirit. de fortitud. lib. 3. §. 40.*
- 25 *Rectè invictus, cujus etiam si corpus constringatur, animo tamen vincula injici nulla possunt. Cicer. 3. de finib.*
- 26 *Animi morbi sunt cupiditates;<sup>[138]</sup> &c. Idem lib. 1. de finib.*
- 27 *Animus noster modò Rex est, modò Tyrannus: Rex cum honesta intuetur, &c. Senec. epist. 114.*
- 28 *Animus absque prudentia, non animus, sed temeritas est. Quirit. 1. §. 21.*
- 29 *Fortitudo vestra ut favilla stupæ, & opus vestrum quasi scintilla, & succendetur utrumque simul. Isaicæ 1.*
- 30 *Viridicus. Naturalis hist. c. 3. §. 37*

## B

Bellicoso.

- 1 **A**nimus solus nec cum adest, nec cum discedit apparet. Cato maior.
- 2 *Non in luto, sed in ferro testatur<sup>[139]</sup> animus. Crinit. lib. 4. de Fortit.*
- 3 *Barros Decad. 1. l. 5. c. 1. & 13.*
- 4 *Quid desideratis? quid adhuc statis armati? quasi daturi leges, & non accepturi. Egesippus cap. 46. lib. 5. de excidio Hiero.*
- 5 *Synesius Epist. 107.*
- 6 *Vbi arma non sunt liberè loquor. Patron. Arbiter Satyrico Poëma.*
- 7 *Petrus Greg. de republ. l. 22. c. II.*

### Benefico.

- 8 *Largitas & liberalitas, & beneficia, regiæ laudes sunt. Lactantius.*
- 9 *Manrique Auspurg. de reb. sui temp. §. 34.*
- 10 *Liberalitate vitia teguntur. Maximus in histor. Saxon.*
- 11 *Mariz Dialog. 3. cap. 5 in fin.*
- 12 *Tum illud unum considerandum <sup>[140]</sup> est, ut pro dignitate cujusque tribuatur, in quo mores spectandi ejus, in quem beneficium confertur. Cicer. 1. officior.*
- 13 *Quod vi datum est, non putes beneficium, sed prædam. Maxim. in histor. Saxon.*

### Benevolo.

- 14 *Liberalitatis duo sunt maximè probabiles fontes, verum judicium, & honesta benevolètia. Idem l. 4.*
- 15 *Benevolètia autem quam quisque habeat erga nos, primum illud est in officio, ut ei plurimum tribuamus, a quo plurimum diligimur. Cicer. 2. officiorum.*
- 16 *Jul. Cæs. orat. 2. ad Euseb. Imper.*
- 17 *Panorm. l. 2. de Alexand. reb. gest.*
- 18 *Jul. Cæs. ad Constant. Paneg. 1.*
- 17 *Pisanus de Alexand. Panegy. 7.*

[141]

## C

### Catholico.

- 1 **N** *Vllam se vidisse, ac nosce inter Christianos gentem, quæ tam pio affectu, constantique zelo fidem Christi Domini amplecterint. Maffæus in vita ejus.*
- 2 *Vt principis est in omni virtute populo præire, ita in religione maximèque Princeps & caput virtutum, &c. Lipsius de una religion.*
- 3 *Qualis rector civitatis, tales inhabitantes in ea. Eccles. cap. 10.*
- 4 *D. Thom. 2. 2. q. 92. art. 10.*

5 *D. Aug. sup. illud Matth. 7. Qui veniunt, &c.*

Circumspecto.

\* *Quidquid præter opinionem invenire in bello potes, priusquam in=<sup>[142]</sup> grediare considera. Fucyd. lib. I.*

6 *Mariz Dialog. 5. cap. 3.*

7 *In omnibus, quid tempora petant, aut quid personis dignum sit, semper considerandum est. Cicer. 2. de Inventio.*

Confiado.

8 *Utrumque in vitium est, & omnibus credere, & nulli. Sen. ep. 3.*

9 *Expedit multo bene timere, quam malè fidere. D. Aug. de singular. Clericor.*

10 *Mariz cap. 14.*

11 *Rezende, Ruy de Pina, & Mariz na sua vida.*

12 *Rex qui nulli fedit, inutilis est: nec minus qui omnibus. Erasmus apud Platin.*

[143]

## D

Docil.

1 **M***Ariz na sua vida.*

2 *Duarte Nunes de Leaõ, Chron. d'el=Rey D. Affonso V.*

3 *Docilitas est aptitudo benè acquirendi rectam opinionem ab alio, sicut solertia à se ipso. D. Thom. 2. 2. quæst. 48.*

4 *Cujusvis hominis est errare, nullius nisi insipientis perseverare in errore. Cicer. Phil. 2. & D. Thom. 2. 2. q. 49. art. 3. & 11. Metaph. lib. 6. text. 1.*

Discreto.

5 *S. Isidor. Pelus. lib. 2. epist. 175.*

6 *Prudentia, propriè est virtus Principum. Aristot. Polit. 2.*

[144]

7 *Cardinal de Aguirre disp. Mor. disp. 11. q. 3. sect. 1. n. 3, & seq.*

8 *Prudentia est rerum bonorum, & malorum scientia. Cic. 1. 2. Rhet.*

9 *Aristot. de virtut. & viti. divis.*

10 *D. Ambr. lib. 22. Moral.*

Desinteressado.

11 *Princeps se regem esse non mercatorem meminert. Curt. lib. 1.*

12 *Lucrum est auxilium indigentiae. Arist. Ethicor. 8.*

13 *Raulin. de Vivar epist. 33.*

14 *Duarte Nun. em sua Chron. & Mariz Dial. 3 cap. 4.*

15 *Mariz na sua vida, & o insigne Manoel de Faria.*

16 *Ibi.*

[145]

## E

Esmoler.

1 **O** *Uidquid tribuitur pauperi, si subtili consideratione pensatur, non est donum, sed mutuum; quia quod datur, sine dubio multiplicato fructu recipitur. D. Greg. Magn. in Registo.*

2 *D. August. de verb. Domin.*

3 *D. Joann. Chrysost. homil. 18.*

4 *Marian. lib. 13. cap. 12.*

5 *Mariz nas suas vidas.*

Expedito.

6 *Honestius est rem negare, quam longos terminos dare; quia minus decipitur cui celeriter negatur. Cassiodor. lib. Epistol.*

7 *Sola spes hominem in miserijs con=<sup>[146]</sup> solari solet. Cicer. in Catilin.*

8 *Semel dedit, qui rogatus: qui non, bis. Plin. jun. in hist. Saxon.*

Eloquente.

9 *Joseph Langius, & Dominic. Nanius verbo eloquentia.*

10 *Tribus modis homines aggreditur: aures penetrando, oculos demulcendo, & animos invadendo. Senec. in Epistol.*

- 11 *Magna eloquentia vis potentissimos etiam Reges repugnat. Demosth. 1. Olynth.*
- 12 *Inimicos domat, & cavillationes devanescit, quia eloquentia etiam saxos obedire fecit. Raulin. in quodam serm.*
- 13 *Ex duobus imperfectis, melius est rusticitatẽ sanctam habere, quam eloquentiam peccatricem. D. Hier. ad Nepot.* [147]
- 14 *Sunt qui disertis esse malunt, quam boni. Quintil. lib. 12.*
- \* *Vide Mariz, Manoel de Faria, & todos os AA que lhe escrevêraõ as vidas.*
- 15 *Si continuè & multa, & celeriter loqui signum esset prudentiæ, hirundines dicerentur multo sapientiores nobis. Socrat. apud Stobæum. Philem. ibid.*

## F

Fervoroso.

- 1 *Bercorius, Titulo Fervor §. 1.*
- Firme.
- 2 *Inconstantia non solùm levitatis signum, sed totius dignitatis vituperium. Joan. Abosco Vergomens. de stat. Princip. lib. 2. §. 6.* [148]
- 3 *Princeps inconstãs corpus sine capite, caput sine oculis, & caput sine mente. Ibi., lib. 4. §. 14.*
- 4 *Chronica de El=Rey D. Duarte, cap. 19.*
- \* *Sæpenumero animadverti, (inquit Chrysantas) Principem bonũ a patre bono nihil differre. Xenoph. de Institut. Cyr. lib. 8.*
- 5 *Inconstans mente cæcus, aut surdus. Demost. apud Stobæum.*
- 6 *Non satis judicare quid faciẽdum vel non faciendum sit, sed stare etiam oportet in eo quod sit judicatum. Cicer. 2. de finib.*

Fabricador.

- 7 *Vide Mariz, & os demais Chronistas que escrevêraõ sua vida.*

## G

## Grato.

\* **N** *Am demus vel non demus, in nostra potestate est, &c. Senec. in quadam Epist.*

1 *Non esse superiorem in referendo, quàm in conferendo beneficio; hoc est esse inferiorem. D. Ambr.*

2 *Ingratus quisquis est, is maiorem in modum Deos, parentes, ac patriam negligit. Stobæus de ingrat.*

3 *Nam qui gratè beneficium accipit, primam ejus pensionem solvit. Senec. 2. de benef.*

4 *D. Aug. Man. na vida de Dom Duarte de Menezes, lib. 1. n. 22.*

5 *Severim na vida de Ioaõ de Barros, fol. 53.*

[150]

6 *Sapiens omnia examinabit secum, quantum accipit, a quo, & quando, ubi, quemadmodum: itaque negamus quemquam scire gratiam referre, nisi sapientem. Sen. 3. Ep.*

7 *Qui quanta sibi gratia collata sit, nescit, quantas largitori grates debeat, non intellegit. Cassiod. in quad. Epist.*

## Generoso.

8 *Generosus ita differt à nobili, quod nobile est id, quod ex bono prodijt genere; generosum, quod à sua natura non degeneravit. Arist. lib. 1. de Anima.*

9 *Generosos homines semper, & ubique fortiter agere decet. Procop. de bell. Vandal. lib. 2.*

10 *Generosi hominis est, honestis rationibus victoriam quæerere; tur=<sup>[151]</sup> pibus ne salutem quidem. Plutarc. in Sertor.*

11 *Viri generosi, & potentes in omni statu, ve fortuna, semper idem esse debêt. Solus humilis desinit esse secundũ prospera, vel adversa: ideo humilis, quia variabilis. Põtianus de Véra Politi. Vari. lib. 3. §. 70.*

- 12 *Turpe est generosum hominem ingenium in vilibus rebus ostentare. Nicephor. Greg. hist. lib. 19.*
- 13 *Nobiles & fortes viri, antequam contumeliam patiantur, mortem sibi anteponendam putant. Xiphilin. in Cæs. August.*
- 14 *Vasconcellos in Princip. Ferdin. Diogo de Torres hist. dos Xarifes c. 94. Faria Epitom. 3. p. c. 12. n. 4.*
- Germanado.
- 15 *Fædera sancta sunt apud eos ho=<sup>[152]</sup> mines, apud quos juxta divinas Religiones fides humana colitur. Livius Dec. 1. lib. 9.*
- 16 *Qui dereliquit amicitiam Dei propter hominis amicitiam, non Dei, sed hominis cultor: non Cæli, sed inferni hæres. Ioann. de Ormiza tract. de una fide lib. 13.*
- 17 *Non quivis socij, sed potêtes assumendi sunt, quorum societas non sit nobis onerosa, sed auxiliaris. Sylus ex Cominæo.*
- 18 *Iacobus Polancus de var. hist. & Bercor. verbo Fædus.*
- 19 *Marian. hist. Hispan. lib. 11. c. 13. & lib. 16. c. 7. Mariz, & todos os Chron. que escrevêrão suas vidas.*

[153]

## H

### Habil.

- 1 **H***omines te habilitavere, sed insipientia tua tecum nata fuit, & semper erit. Gregor. Manriq. de vera disc. Pol. n. 124.*
- 2 *Deus documenta dedit, Patres documenta explanarunt, Principes autem nati sunt sicut cæteri homines rudi, & macilenti, &c. ibi n. 2.*
- 3 *Vide Mariz nas suas vidas, & o Reverendissimo P. Fr. Rafael de Iesu, Chronista mór do Reyno, to. 2. da vida d'El=Rey D. João o IV.*

### Honesto.

- 4 *Honestas est virtus attractiva, omnia movet, omnia superat aspectu suo. Ioan. Clima. & Tullius lib. de Finib.*

[154]



- 5 *Oportet Principem etiam moribus imperiũ docere (ait Pitaccus apud Stob.) quia honestas ubi adest, maiestas lucet, ubi deest, non apparet corona. Ioan. supra.*
- 6 *Si vis probus, si vis potens, si vis magnus esse, & honestate debes cæteros, non malignitate superare. S. Salvian. infin. lib. 5. de Gub. Dei.*
- 7 *Honestum etiam si nobilitatum nõ sit, aut etiam si à nemine laudatur, tamen laudabile est natura, &c. Cicer. 1. officior.*
- 8 *Viridicus natural. hist. cap. 7. §. 3.*
- 9 *Abstinentum est spectaculis, verè imperantibus, nam qui ridiculis gaudent, Imperij maiestatem minuunt, ait Themistocl.: eodẽ modo, omnes Principes, qui inhoneste vivunt: impudicitia vero esse, & <sup>[155]</sup> imperia minuit. Eriticus Patercul. 3. de Regim. Princip.*
- 10 *Historia natural de Virid. supra.*
- 11 *Mariz nas suas vidas, & o Insigne Faria.  
Honorifico.*
- 12 *Honorans alios, se ipsum honorat. D. Chrys. sup. ep. ad. Hebr. ho. 25.*
- 13 *Qua in civitate nõ maximus virtuti honos tribuitur, in ea optimus civitatis status stabilis, & firmus esse nullo modo potest. Arist. lib. 2. de Republ. cap. 9.*
- 14 *D. August. Manoel na vida de D. Duarte de Menezes lib. 1. n. 22. & Christovão Ferreira na vida de El=Rey D. João o II. Faria no Epitome. Mariz Dialog. 5. cap. 1. ibi Dialog. 4. cap. 19. Damião de Goes Chron. d'el=Rey D. Manoel <sup>[156]</sup> 4. p. cap. 84. Fr. Rafael de Iesus 2. p. da vida d'el=Rey D. João o IV.*
- 15 *Magni fiunt animi magnis honoribus. Livius Dec. 1. lib. 4.*
- 16 *Tot imitatores quot virtutes augentur Principis. Rabanus de Exemp. Princip.*
- 17 *Christovão Ferreira na vida d'el=Rey D. João o II: Faria, Duarte Nunes Descrição de Portug. Barbuda Apolog. & Sebast. de Aguilar, Principe Perfeito, fol. 30 exemplo 4.*

# I

## Industrioso.

- 1 **P**eritiam Ars, imperitiam Fortuna sequitur. *Pl. de Rh.*  
2 *Præclarum quidem est etiam per fortunã inter illustrissimos*  
3 *admira-<sup>[157]</sup> tione esse, sed multo præstantius est industria sua,*  
4 *&c. Demosth. orat. amatoria.*  
5 *Alterum mater, alterum industria gignit. Maximus lib. 8.*  
6 *Quæ bona sunt, meliora fieri possunt arte; & quæ non optima;*  
7 *aliquo modo acui tamen & corrigi possunt. Cicer. lib. 1 de orat.*  
8 *Experientia artem facit. Aristol. Metaph. 1.*  
9 *Pater meus Bercor. verbo Ars.*  
10 *Diligens industria utilior quàm bonum ingenium. Stobæus.*  
11 *Christovão de Freitas supra, & Mariz, Fr. Rafael 2. p. d'el=Rey*  
12 *D. João o IV. & no seu Castrioto Lusit. Consta de sua vida.*  
13 *Plato de natura Nomi.*

[158]

## Incansavel.

- 10 *Semper idem usque ad non idem Cæsaris natura est. Quiritus de*  
11 *maiest.*  
12 *Mariz Dialog. 4. cap. 12.*

## Iustificado.

- 12 *Iustificatio ex amore, & timore procedit. D. Bernard. sup.*  
13 *Psalm. Qui habitas.*  
14 *Magnificentia Domini est peccatoris justificatio. D. August.*  
15 *sup. Psalm. 110.*  
16 *Euripid. apud Stobæum.*  
17 *Duarte Nunes Chron. d'el=Rey D. João o I. cap. 10.*  
18 *Fernão Lopes Chronista d'el=Rey D. Ioaõ o I. p. 1. cap. 28.*

## L

## Livre.

- 1 **L** *ibertas ubi non est, nec meritum. D. Bernard. de Gratia, & lib. Arbitr.*
- 2 *Mariz na sua vida.*
- 3 *Regium est ita vivere, ut non modo homini, sed ne cupiditati quidē servias, &c. Cic. Pro Sylla.*
- 4 *Quid prodest, quod liber est in natura, qui servus est conscientia? Videmus non extrinsecus generis claritate sublimes, intrinsecus mētis infirmitate degeneres: innocentum Dominos, & criminum servos. Euseb. Emiss. ho. 3. de Pascha.*
- 5 *Mariz na sua vida.*

[160]

## Lembrado.

- 6 *Quamvis gubernatio sit officium capitis, sine memoria est caput sine corpore. Epictetus apud Stassum de Christian. Princip.*
- 7 *Principis est virtus maxima nosce suos. Martial. lib. 8.*
- 8 *Mariz na sua vida, Christovaõ Ferreira na vida de El=Rey D. Ioaõ o II. lib. 4. fol. 89. & Fr. Rafael de Iesus na 2. p. da de El=Rey D. Ioaõ o IV.*

## Luzido.

- 9 *Ornatus autem, & delicie sunt necessarij tripliciter, scilicet propter infirmitatem, consuetudinem, & dignitatem. D. Thom. 4. sentent. dist. 15. q. 2. art. 3.*
- 10 *Sub quavis veste benè colitur pietas. D. Bernard in Epistol.*
- 11 *Astitit regina à dextris tuis in vestitu deaurato: quia vestis nuptialis est proprium ornamentum maiestatis. Chrin. sup. Psalm.*
- 12 *Superfluitas etiam ipsam maiestatem detrucidat. Quiril. de Rep.*

[161]

- 13 *Ornatus superfluus Principis, aut civium est indigentia civitatis. ibi.*
- 14 *D. Gregorius Magn. in Hom.*
- 15 *Todos os ã escrevêraõ suas vidas.*
- 16 *Sordidæ vestes, candidæ mentis indicia sunt. D. Hier. ad Rusticum.*

## M

Misericordioso.

1 **S**ola misericordia est, cui omnes virtutes cedere honorabiliter non recusant. Cassiod. in Epist.

\* *Misericordia artem non habet. D. Hieron.*

[162]

2 *D. August. in q̃. ex utroque testam.*

3 *Iustitia sine misericordia non est iustitia, sed crudelitas. D. Chrys. sup. Matth.*

4 *Cicer. 2. officior.*

5 *L. Capitaliũ 28. §. Famosos de pæn.*

6 *Ipsa regentis clementia verecundiam facit. Senec. de clement.*

\* *D. Bernard. in Sermonib.*

7 *Est clementia hominibus necessaria, maximè autem Imperatoribus. Senec. de clement.*

8 *Misericors vir pretiosa res est. Chrysost. hom. 4. de verb. Isaicæ.*

9 *Commũmente todos os AA que escrevêraõ delle. Mariz na sua vida. Epitome, &c.*

10 *Consta de sua vida.*

Memoravel.

11 *Etiam post mortem permanet no=<sup>[163]</sup> men nostrum. Tucidid.*

12 *Non sunt pericula, sed amœnitates omne quod ad famam conducit. Eurip. apud Roderic. Ausburg. de fama, & ejus amator.*

13 *Fama necessaria homini propter proximum. Abulens. sup. Matth. tom. 5. fol. mihi 85.*

14 *Idem ibi.*

Moderado.

15 *Omnis excessus rerum, aut nocet, aut nihil prodest. Arist. Polit. 7.*

16 *Destruit excessus Principum, quod non destruxit exercitus inimicorū. Padilha tit. luxuria & sobrietas.*

17 *Vbi excessus, ibi regressus virtutis. D. August.*

18 *Superfluitas exterior, interioris vanitatis indicium est. D. Bernard. in Apolog.*

[164]

19 *Ita omnes SS. PP.*

20 *Plato, Polit. 5.*

21 *Non minus sunt turpia Principi multa supplicia, quàm medico multa funera. Senec. de clement.*

22 *D. Greg. Magn. lib. 5. Moral.*

## N

Noticioso.

<sup>1</sup>**D***iv. Greg. Magn. lib. 1. hom. 3 sup. Ezech. Proph.*

2 *Quod deest experientia, superabundabit lectione. Firmia. de stud.*

3 *Alit lectio ingenium. Sen. epist. 86.*

4 *Omnino iniquum est studijs honestari minoribus: & eos, quos ardua & gravia expectant officia, voluptatis, & vanitatis occupationibus agitari. D. Chrys. de curial. nug.*

[165]

\* *Mariz Dialog. 3. c. 1. Dialog. 4. cap. 5. & sequentib.*

5 *Legentibus Deus loquitur. D. August. sup. Psalm. 48.*

Necessario.

- 6 *Nazianz. & Plin. junior lib. 8.*  
7 *Communitas SS. PP.*  
8 *Mariz, & Manoel de Faria Epitome nas suas vidas.*

Nacional.

- 9 *D. Anton. Domin. 4. Quadrag.*  
10 *Plutarc. de Polit.*  
11 *Mariz nas suas vidas.*  
\* *Vide D. Anton. ubi supra.*  
12 *Magna abusio est, ut corpus induatur, & contra regulam suis vestibus anima nuda deseratur. D. Bernard. in Apolog.*  
13 *D. Aug. de 12. abusionib. & D. Bern. in apol.*  
14 *Ibidem.*

[166]

- 15 *D. Cyprian. de 12. abusib.*  
16 *Fontanus de abusio, ignorant.*  
17 *Dominari ancillam, & ancillari Dominam magna abusio est. D. Bern. ubi supra.*  
18 *Cæco lumen, surdo sermonem, sapientiam bruto offerre, labor irritus. D. Cyprian. supra.*

## O

Occupado.

- 1 **M** *Agis caput desidiosũ nocet, quam cæterarũ partiũ prigritia.*  
*Adalerm. apud Venentium de cura & otio.*  
2 *Otiositas mater est nugarum, & noverca omnium virtutum. Ipsa est, quæ virum fortem fortissimè præcipitat in reatum, &c. D. Bern. in serm. & 1. 2. de consider.*

[167]

- 3 *Mariz nas suas vidas.*  
4 *Datur otiositas in occupatione, quãdo occupatio Principis non ad utilitatem, sed ad perniciem: Princeps verò semper quærit*

*quæ ducunt ad gloriam sui, & utilitatem suorum. Chrinto Emehert de educat. Princip.*

Orgulhoso.

- 5 *Vbi potestas, ibi maior alacritas; alacer enim Princeps debet esse, qui Princeps est. Raulin. in quod. sermon.*  
6 *Elatio vero prudens, ornamentum est maiestatis. Cyril. de Vivar Apolog. advers. Iudæ.*  
7 *Ibi. Tit. 4. de vigil. & execution.*  
8 *Ibi. Tit. 7. de Fisco & eorũ partib.*  
9 *Mariz Dialog. 4. cap. 11.*  
10 *Ibi Dial. 4. cap. 22.*

[168]

Ouvinte.

- 11 *Posse Principem omnium oculis cernere, & omnium auribus audire. Synesius in orat. ad regnum.*  
12 *D. Dionysius de cælest. Hierarch. epist. 9.*  
13 *Idem ibi.*  
14 *Auditu, & non visu pervenitur ad notitiam veritatis. D. Bern. sup. Cant. serm. 23.*  
15 *Aristot. de sens. & sensat.*  
16 *Audiamus duplo, quam loquamur. Demosth. apud Stob.*  
17 *Viridicus hist. natural. §. 46. & Bercorius verbo audire.*  
18 *Reterod. in similib.*  
19 *Duarte Nunes de Leaõ Chron. d'el=Rey D. Pedro fol. 176.*  
20 *Doctrinam accipiamus, non mores: apibus herbæ non sunt necessariæ, <sup>[169]</sup> sed flores: sic & vos flores doctrinæ colligite, & conversationem relinquite. D. Chrys. sup. Matth. homil. 1. operis perfecti.*

## P

Parco.

## <sup>1</sup>S

*Enec. epist. 15.*

2 *Erasm. in simili.*

3 *In cibo & vestitu hæc mensura teneatur, ut ne contra honestatem, ne supra necessitatem utatur, & sumatur. Quintanilha de clastro animæ, & instit. Monach.*

4 *Non cibus, sed luxus vituperandus est. D. Ambros. contra Manich.*

5 *Cur regina carēs spinis ubi alimēta sumis? Temperantia est stimulus sobrietatis, ideo virtus superiorum. P. Ormisma de Ossuna, serm. <sup>[170]</sup> Domin. 1. Quadr. 92. & Cũ jejun.*

6 *Plut. in convi. 7. sapi.*

7 *Temperantia facit abstinentem, parcũ, &c. S. Prosp. de vita Cont.*

8 *D. Ambros. serm. 40.*

9 *Sectatur autem intemperantiam ordinis perturbatio, imprudentia, confusio, injuria, negligentia, dissolutio. Arist. de vitij & virt. divis.*

10 *Mali ideo vivunt, ut edant ac bibant: boni verò cibum sumunt, ac potũ, ut possint vivere. Pl. de Poet.*

11 *Cicer. in Parad.*

12 *Divitiæ grandes sunt homini vivere parcè. Lucan. lib. 5.*

13 *Chron. d'el=Rey D. Ioaõ o I. & Mariz ibi.*

Proveitoso.

14 *Occupatio inutilis, non zelus, sed ludus, non occupatio, sed otiositas. <sup>[171]</sup> Quintan. sup. de instit. Monach.*

15 *Qui inutilis est omnibus, sibi utilis esse non potest. D. Ambros.*

16 *Ad utilitatem datur spiritus: 1. ad conservationem, negotiationem justam, & solitudinem rectam, tam in magna, quàm in infima dignitate. Mich. Auspurch. de Reg.*

17 *Vtilitas quavis ratione oblata, repudianda non est, nisi pugnet com honestate. Demosth. 1. Olynth.*

18 *Publica utilitas est cuilibet privilegio præferenda apud Iurisconsult.*



19 *Mariz nas suas vidas, & Frey Rafael de Iesus na d'el=Rey D. Ioaõ o IV. tom. 2.*

Pacato.

20 *Animum cogo sibi intentum esse, nec avocari ad extra, omnia licèt foris resonent, dum intus nihil tu= <sup>[172]</sup> multus sit, &c. Senec. epist. 56.*

21 *Idem lib. de Tranquil. anim. c. 15.*

## Q

Quieto.

1 **P***rinceps pacis, Princeps inter omnes, quia imitator Christi, qui est Princeps pacis. Prudentio sup. Ezech. cap. 13.*

2 *Nihil perniciosius civitati, quàm divisio, ut nihil melius quam unio. Plato de Republ.*

3 *Pacem volunt etiam qui vincere possunt. Livius lib. 1. Dec. 1.*

4 *Melior est tutior pax, quàm sperata victoria. Idem lib. 10. Dec. 3.*

5 *Ne tot annorum felicitatē in unius horæ dederis discrimen. Idem ibi.*

6 *Leges, aut judicia esse non possunt sublata pace. Cicer. Philip. 8.*

7 *Pacis fulgor Ecclesiam illuminat. Chrys. ho. 3. sup. epist. ad Coloss.*

8 *Pacem amâtes, Deum qui est Author pacis, amant. S. Isid. epist. 41.*

9 *Nequaquam Imperator ita paci credat, ut non se preparet bello. Vegetius.*

10 *Mariz na sua vida.*

11 *Melior est talis pugna, quæ Deo proximum facit, quàm pax illa quæ separat a Deo. Erasm. in epist.*

12 *Pax vera est concordiam habere cum moribus probis, & litigare com vitijs. Cassiod. sup. Psalmos .*

bem Quisto.

- 13 *Apud Jurisconsult.*  
14 *Sic est vulgus: ex veritate pauca, ex opinione multa judicat.*  
*Cicer. pro Rosc.*  
15 *Veritas apud se se vincit: opinio* <sup>[174]</sup> *autem apud externos.*  
*Arist. epist. ad Stob.*  
16 *Dionys. Halic. lib. 3.*  
17 *Perturbant homines non res ipsæ, sed rerum opiniones. Arist.*  
*epist. apud. Stob.*  
18 *Senec. de vita Beata.*  
19 *Opinio infinitos perdit. Stob.*  
20 *Mariz na sua vida.*

Quotidiano.

- 21 *Qui amat quotidie, nō fingit amorem: siquidem qui quotidie*  
*dispendit, thesaurum non acquirit, nec ambitionem dissimulat,*  
*&c. Ioan. de Ormiza, tract. de libro rationali cap. 3.*  
22 *Faria Epit. & Mariz, & Fr. Rafael na sua vida.*

[175]

## R

Reformado.

- 1 **C** *Ornel. Tacit. l. 3. Petrar. lib. 5. epist. 11.*  
2 *Senec. epist. ad Lelium.*  
3 *Omnes scimus morituros, sed non omnes metu mortis se*  
*abstinent à vitijs. Ribeira serm. 4. fer. Ciner.*  
4 *Stellæ cadent, Sol obscurabitur: unde in cœlestibus dignitatibus*  
*simul apparet justitia, ne tu veniam speres. Idem serm. D. 1.*  
*Advent.*  
5 *Mariz nas suas vidas. Paral. de Princ. c. 47. & 49. & Faria Epit.*

Reportado.

- [6] *Loquax nunquã strenuus, & magnificus, magnificentia verò sub*  
*silentio lucet, operatur, &c. Raulin. in quod. serm.*

- 7 *Lingua non discrepat à mente. Demet. Phaler.*  
 8 *Linguae præire animo non permittendum. Chilo apud Diog. lib.*  
 1. *Quod facere institueris, noli prædicare, nam si facere*  
 9 *nequiveris, rideberis. Pithag. apud Diog. sup.*  
 10 *Plin. jun. lib. 1. epist.*  
 11 *Sermones proferamus libra justitiæ examinatos, ut sit gravitas*  
*in sensu, in sermone pondus, atque in verbis modus. D. Amb. 3.*  
*officior.*  
 12 *Diu considera quid loquendum est, & adhuc tacens provide, ne*  
*quid dixisse pæniteat. Tertul.*  
 13 *Horat. de Arte Poet.*  
 14 *D. Amb. sup. Beat. immacul.*  
 15 *D. Hieron. sup. 12. Proph. lib. 2.*  
 16 *Etenim Sacramentum Regis abscondere bonum est. Tobiae 12.*  
 . 7.

- 17 *Est tempus quando nil, & est tēpus quando aliquid est*  
*dicendum: nullum verò tempus est, quando sunt omnia. D.*  
*Hieron.*

Reverente.

- 19 *Bobadilh. tom. 1. Polit. l. 2. c. 7. n. 1.*  
 20 *Ibi numero 3.*  
 21 *Ibi numero 4.*  
 22 *Duarte Nunes na vida d'el=Rey D. Affonso III. & Mariz na de*  
*El=Rey D. Sancho II.*  
 23 *Phil. Judæ. lib. de Sacerd. honorib.*  
 24 *Sic nos existimet homo ut ministros Christi, & dispensatores*  
*ministeriorum Dei. 1. ad Corinth. cap. 4.*  
 25 *Mariz na sua vida.*  
 26 *Qui vos audit, me audit, & qui vos spernit, me spernit. Lucæ.*  
 10.  
 27 *Mariz na sua vida.*

- 28 *Duarte Nunes de Leaõ Chron.* <sup>[178]</sup> *d'el=Rey D. Affonso Henriq. Pina Chron. d'el=Rey D. Affonso V. c. 188. Faria na vida d'el=Rey D. Joaõ o II.*

## S

### Sabio.

- <sup>1</sup> **N**emo magnus in potestate cum stultitia. *Plutarc. de mort. Alex.*
- 2 *Quum Princeps ipse nullam habet rerum cognitionem, qui si vel ingenio valeret, vel librorum lectione quæsitam haberet aliquam prudentiam, non temerè circumveniri posset, &c. Philipp. Comin. lib. 7.*
- 3 *Nulla maiori clade populum Deus affligere potest, quam si Principem ei præficiat stolidum, & imperitum. Nam quia tutius ab aliorum <sup>[179]</sup> arbitrio ille pendeat, noscuntur factiones, &c. Idem. lib. 5.*
- 4 *Hugo de claustro animæ lib. 2.*
- 5 *Veluti gubernatores vëtorum mutationibus se accõmodant navigari: sic vir revera sapiens. Aristonim. apud. Stobæ. ser. 1. de Prud.*
- 6 *D. Basil. lib. de Abrah.*
- 7 *Ubicunque accesserit sapiens, ubique civis est. D. Amb. epist. 36. ad Constant.*
- 8 *Antonio de Souza de Macedo, Armonia Polit. p. 3. §. 11. n. 2.*
- 9 *Flores de Hespanha c. 8. fol. 66.*
- 10 *Geminianus in Exempl.*
- 11 *Armon. Polit. ubi sup. n. 4 & Severim na vida de Ioaõ de Barros, fol. 53.*

### Sofrido.

- 12 *Tolerantiam hìc, fortitudinis spe= <sup>[180]</sup> ciem in ferendis malis statuimus, &c. Anonymus.*

- 13 *Plerumque Princeps justus malorum errores dissimulare voluit, non quòd iniquitati eorum consentiat, sed quod ad tempus correctionis expectet, quando eorum vitia emēdare, vel punire valeat. D. Isidor. lib. 2. de summ. bono.*
- 14 *Magnū malum est ferre non posse malum. Bion. apud Diog. lib. 4.*
- 15 *Impatientia sæpè inimica est potestati. D. Greg. Mag. 20. Moral.*
- 16 *Magna gloria si cui nocere potuisti, parcas. Hug. lib. 3. de Anima.*
- 17 *Non est perfectè bonus, nisi qui fuerit etiam cum malis bonus. D. Greg. Mag. in homil. Cum audieritis.*
- 18 *Marius Escobar. de bonitate, & <sup>[181]</sup> clement. tract. 3. §. 4.*
- 19 *D. Ambros. sup. Beat. immacul.*
- 20 *Beatus Iob quot voces patientiæ in laudem Dei percussus reddidit, quasi tot in adversarij pectore jacula intorsit. D. Greg. Magn. in Moralib.*
- 21 *Idem sup. Ezech.*
- 22 *Philippus de Espin. tract de patient. §. ex Coronis n. 11. & Britto 2. p. da Monarquia Lusitana. Duarte Nunes na Descripção de Portug. Vasconc. Descript. Lusit.*
- 23 *Ibidem.*
- 24 *Viridic. sup. tract. de plantis.*
- Secreto.
- 25 *Qui regit, audit, non publicè revelans, sed cautè discurrit. Audire & dicere, non Regis, sed publicani non sapientis, & indocti <sup>[182]</sup> pars est. P. Ambros. de Monte Olivet. tom. Quadragesimal. in serm. Transfig. Nemini dixeritis.*

## T

Tratavel.

- <sup>1</sup> **O** *Uid prodest æstimatio Carbunculi, cum sit ex nomine, & non scientia: sic opinio intractabilis, quamvis ex se sit vera,*

*&c. Vergomens. lib. 2. de Fama, & ejus abusioib.*

2 *Epictetus apud Stob incipiẽs: Hominem quicum converseris  
tribus modis considera, &c.*

Timorato.

3 *D. August. cont. Pel. lib. 2.*

4 *Anchora mentis pudor timoris. D. Greg. Magn. 22. Moral.*

5 *Geminian. lib. 9. de Artificib. c 76.*

[183]

6 *Cassiod. sup. Psalm. 32.*

7 *In via Dei a timore incipitur, ut ad fortitudinẽ veniatur. D. Greg.  
Magn. in Moral.*

8 *Potestas tanto premi interius debet, quanto exterius eminet.  
Idem 26. Moral.*

9 *Noveris te, ut Deum timeas, &c. D. Bern. sup. Cantic. serm. 37.*

10 *D. Xavier Titu sup. Catholic. & Fr. Hieron. Romam. Republ.  
lib. 4. cap. 18.*

11 *Gregorius de Hesthen. in vita Regum Titulo Lusitania n. 30.*

Temido.

12 *Imperium non est experiendum, cujus vis est in consensu  
obedientium. Livius lib. 2. Decad. 1.*

13 *In distributione potestatis cognoscitur firmitas Reipublicæ.  
Xenoph.*

[184]

14 *Incaute agit qui ex potestate medicinam non facit, &c. Galenus  
de Republ. consid. 30. n. 60.*

15 *Efficiat Princeps, ut subditi metuant, non ipsum, sed pro ipso.  
Pitac. apud Stob.*

16 *Herodot. lib. 3.*

## V

Virtuoso.

<sup>1</sup> **R**eges a rectè agendo vocati sunt: ideoque rectè faciẽdo Regis  
nomen tenetur, peccando amittitur. S. Isid. 1. 3. de sum.

*bono.*

2 *D. Bern. lib. 3. de Quadrag.*

3 *Unusquisque studiosè curat, ut ex vitæ meritis sibi fides habeatur. Agesilaus apud. Plut. in Apoph.*

4 *D. Greg. Magn. 1. 46. Moral. sup. illud Iob. 6. Reges in folio collocat, &c.*

[185]

5 *Summus locus benè regitur, cum is qui præest, vitij potius, quàm fratribus dominatur. Greg. Mag. 26. Moral.*

6 *Cyrus arbitrabatur sibi virtutem colendam esse. Nec enim fieri posse putabat, ut si quis talis ipse non sit qualem oporteat, alios ad præclaras, & laudabiles actiones excitaturum. Xenoph. de inst. Cyr. 1. 8.*

7 *Idem sup. illud Iob. 3. Cum regibus & consulibus terræ.*

8 *Duo sunt quæ ab egregijs Principibus expectantur: sanctitas domi, in armis fortitudo, utrobique prudentia. Sex. Aurel. Victor. Trajan.*

9 *Emitur sola virtute potestas. Claudian. de 3. Conf.*

10 *Plutarc. 1. de Tuend. bon. valetud.*

11 *Ibi.*

[186]

12 *Mariz Dialog. 4. cap. 12.*

*Vigilante.*

13 *Navis semper fluctuans Regnum dicitur: ò quam periculosa est potestas! undique spinæ pungūt, in pace otium, &c. Bias de Regno lib. 3.*

14 *Potestas culminis, est tempestas mentis. D. Greg. Magn. in Pastor.*

15 *Vigilia est dispositio, in qua anima imperat sensibus, & virtutibus exterioribus, & movet voluntariè ad operandum. Secundū Avicen.*

16 *D. Ambros. in suo Pastoral.*

17 *Viridicus sup. §. 30.*

18 *Ibi §. 31. & 30.*

19 *Mariz Dialog. 3. cap. 4.*

Veneravel.

20 *Magnorum virorum non minus utilis est præsētia, quàm memoria. Senec. epist. 102. & v. Cassiod. l. 3. epist. 6.*

[187]

21 *Gravitas vultus signum decoris, & virtutis. Bias apud Stob.*

## X

*Xavier.*

Por affecto

1 **S***Anctum hunc Benedictum contingis, & Italum, & Austrium: Austriacum quippe genus à Beati Benedicti progenitoribus oriri, notissimum est. Ioann. à Bosco in dedicat. Bibliot. Floriacens. Ego ex varijs Author. fide dignissimus certo didici, Austriorum familiam nobilissimam, & antiquissimam, eodem cum D. Benedicti sanguine procreatam. Arnold. Vbion in dedic. Ligni vitæ t. 1.*

2 *Consta da Illustrissima Arvore do Palatinado, & Casa de Austria.*

[188]

3 *Devotio unguentum est, animæ dolorem leniens. D. Bernard. supra Cant. serm. 16.*

4 *Vt expellas infirmitatem, devotionem auge, quære enim virtutes Sanctorum secundùm distributionem spiritus, quia alijs dedit spiritus sanitatis. &c. P. Gabriel à Souz. in serm. omn. Sanct. §. ult. tom. 2.*

5 *Faria na sua vida.*

Por imitaçaõ.

6 *Qui Sanctorum merita religiosa charitate miratur, quicumque justorum glorias frequenti laude colloquitur, eorum mores sanctos, atque justitiam imitetur, &c. D. Ioan. Chrysost. serm. de Conf.*



7 *Quæ est ista justitia, sanctos colere, & sanctitatem contemnere?*  
[189] *Sine causa ergo justos honorat, qui justitiam spernit. Idem*  
*sup. Math. cap. 24.*

8 *Debemus etiam vitam ejus attendere: quia homo ille similis*  
*nobis fuit passibilis, ex eodem luto formatus ex quo & nos.*  
*Quid ergo est, quod non solum difficile, sed impossibile*  
*credimus, ut faciamus opera quæ fecit, ut sequamur vestigia*  
*ejus? D. Bernard. in quod. serm.*

9 *Vide Maffæum hist. Indiæ latè.*

## Z

*Zeloso.*

Do serviço de Deos

**F** *Ructuosus zelus in amore Dei radicatur. D. Bernard. in serm.*

2 *Zelus amaritudinis, pallium ini=*<sup>[190]</sup>*micitiæ. D. Anselm. lib. 3.*

3 *Zelus floridus, fructiferus, & amænus procedit ex amore Dei, &*  
*proximi. Alanus de Rupe.*

4 *Zelum tuum inflammet charitas, informet scientia, firmet*  
*constantia: sit fervidus, sit circumspectus, sit invictus, &c. D.*  
*Bernard. sup. Cantic.*

5 *Idem ibi.*

6 *Nullum Omnipotenti Deo tale est sacrificium, quale est zelus*  
*animarum. D. Greg. sup. Ezech.*

7 *Esca justorum est conversio peccatorum. Idem 4. Moral.*

Da observancia das Leys.

8 *Zelus est fervor animæ ad compassionẽ naturæ, &c. Hug. in*  
*Ioel.*

9 *Zelus veniam negans, furor est. D. Chrys. Hom. de nomin.*  
*Abrah.*

[191]

10 *Zelum tẽperare, misericordia. Ibi.*

- 11 *Mariz, & Duarte Nun. na sua vida.*  
12 *Plato epist. 9. & l. 1. de inventio.*  
13 *Leges inobservatæ, corpus sine anima, caput sine mente, oculos sine luce. Zorita pro Cluent. lib. 3*  
Do bem commum.  
14 *Humilis sibimetipsi utilis. Erasm.*  
15 *Ingens est gloria Principis morientis Rempublicam magis amasse quã filios. Fla. Vepisco in Tacito.*  
16 *Princeps à justo nec nomine, nec vita differt, si Princeps Dei est, & non mundi, si Pater, & non Tyrãnus, si Christianus, & non Hæreticus. P. Christoph. de Utino in serm. de quinque Vulner.*

FINIS.